

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

VIVIANE COSTA RODRIGUES

ENCONTROS, PENSAMENTOS E ESCRITAS DE SI:
Para além de uma formação acadêmica em arte

Pelotas, 2015

VIVIANE COSTA RODRIGUES

**ENCONTROS, PENSAMENTOS E ESCRITAS DE SI:
Para além de uma formação acadêmica em arte**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto D'Ávila Coelho

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Farina

Pelotas, 2015

R696e Rodrigues, Viviane Costa.

Encontros, pensamentos e escritas de si : para além de uma formação acadêmica em arte / por Viviane Costa Rodrigues. – 2015.

85 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alberto D'Ávila Coelho

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2015.

1. Arte - Educação. 2. Filosofia. 3. Formação docente. 4. Formação de si. 5. Pensamento. I. Coelho, Alberto D'Ávila. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 370

VIVIANE COSTA RODRIGUES

ENCONTROS, PENSAMENTOS E ESCRITAS DE SI:

Para além de uma formação acadêmica em arte

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto D'Ávila Coelho

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Farina

Aprovada pela banca examinadora em 27/02/2015

Prof. Dr. Alberto D'Ávila Coelho

Orientador

Prof^a.Dr^a. Cynthia Farina

Co-orientadora

Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues

Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Junior

DEDICATÓRIA

A meu pai, sempre presente em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Há muito a dizer... mas talvez o papel não possa suportar bem o peso das sensações e das palavras, tamanha a dimensão que essas tomavam nos diversos momentos de alegria, de aprendizado, de introspecção e, também de solidão. Muitos sentimentos reverberaram-se nos últimos dois anos, parte de um projeto de vida que se desenhava junto a várias pessoas, em que cada uma delas tornava possível a realização de um objetivo. Agradecer, portanto, é reconhecer que um trabalho se forja na doçura das amizades, na força do amor e na convicção de que sempre precisamos do outro para estender novos caminhos.

Em primeiro lugar, quero agradecer a meu marido Alex sempre amigo, incentivador e companheiro incansável de minhas batalhas pessoais. A quem devo retribuir todo o amor que me tornou mais forte.

À família que soube respeitar os momentos de reclusão e especialmente, por compreenderem o interesse pelos estudos como parte de uma escolha de vida.

A Instituição pela oportunidade de realizar um trabalho que abrange tantas possibilidades de conhecimento.

A todos os colegas que encontrei no caminho, trocando experiências de vida.

Dos colegas, algumas presenças se tornaram mais doces e possibilitaram enfrentar os percalços surgidos com força e entusiasmo. Agradeço a doce amiga Alexandra Domingues companheira de alegres momentos, desde a Especialização e apoiadora nas horas mais difíceis.

Agradeço as queridas Isabel Marques e Deise Cristiane que se tornaram assim doces amizades e das quais admiro a coragem e competência que souberam lidar com as dificuldades surgidas pelo caminho.

A querida Roselaine Albernaz (Rose) sou grata pela confiança desde o início, pelo carinho e pela disponibilidade sempre em ajudar. Minha admiração é, também, pela professora, mas principalmente pela pessoa que és.

Ao professor Alberto D'Ávila Coelho que, sempre com palavras de incentivo, confiou no meu trabalho mesmo em tão pouco tempo.

E a todos aqueles que me ensinaram a olhar para as coisas apequenadas da vida. E que, em algum momento, essas coisas se tornaram fortes. Mais fortes do que eu.

Em suma, a história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para pensarmos a nós mesmos (DELEUZE).

Mas o pensamento também é um exercício extremo e rarefeito. Desde que se pensa, se enfrenta necessariamente uma linha onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura, e essa linha nos arrasta (idem).

RESUMO

RODRIGUES, Viviane C. **ENCONTROS, PENSAMENTOS E ESCRITAS DE SI: Para além de uma formação acadêmica em arte**. 2015. 86 f. Dissertação Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Pelotas – RS.

A presente dissertação se detém nos atravessamentos entre o olhar, o pensar e o escrever, que se compõem a partir das paisagens de um lugar, a Praça Coronel Pedro Osório na cidade de Pelotas, escolhida pela contingência dos *bons encontros* que ali se passaram. Cenário e personagens caracterizados como passantes - os trabalhadores, as prostitutas, as manhãs, as tardes, engendraram na sequência de muitos dias, novas narrativas. À sombra das luzes e de seus prédios históricos, Pelotas ganhou contornos singulares desenhados na aproximação entre a natureza e as pessoas. O ato de um pensamento se inscreveu a partir de encontros na emergência de uma experimentação que se desdobrou pelo olhar. Enquanto problemática perguntava-se: como fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça, nos encontros que ela reserva? Como captar destes encontros as singularidades que são passíveis de compartilhamento numa dissertação de mestrado? Das possíveis implicações entre o exercício de um pensar e de um escrever decorreram-se os caminhos deste trabalho, cambiando verbos e leituras que possibilitaram pensar em um processo de *formação de si* na perspectiva das Filosofias da Diferença. Aproximei algumas ideias que tangenciaram esse campo filosófico, em especial, de Deleuze e Foucault quando estes lançam bases para o pensamento através da criação e da invenção de novas possibilidades de pensar a si mesmo em relação ao mundo. Nessa perspectiva objetivou-se problematizar uma ideia de *formação* em que se vai constituindo as práticas de si, o cuidado consigo e com o outro no espaço da Praça, exercício de um olhar para si mesmo em que repercutem também questões para o campo da formação docente em arte. Como procedimento metodológico, a escolha pela cartografia neste trabalho produziu dados transitando numa dimensão entre o visível e o invisível onde operam os tantos atravessamentos. Da relação com as forças da Praça emergiram impressões que foram sendo escritas num caderno de escutas e notas, rascunhos que trazem as conexões poéticas entre as coisas da vida e do mundo. Recortou-se a Praça capturando as singularidades dos encontros, fontes de inquietações para esta pesquisadora, que se revelam pela imprevisibilidade tangenciando um plano de composição das visibilidades e experimentações. Nessa perspectiva, uma *formação de si* se apoiou nas impressões dadas no cotidiano deste lugar onde se produzem distintas relações. Deste modo, deixar-se afetar por encontros e pela invenção de novos modos de existir na cidade de Pelotas reforçou uma busca pela superação de um olhar que se encontrava habituado às normalidades do dia a dia sem perceber que outras possibilidades poderiam existir. Tratou-se, pois, de abrir o olhar numa instigação que atuou junto ao pensamento e a escrita reinventando e propondo discussões sobre a docência e seus elementos de formação continuada na vida para além de uma formação acadêmica.

Palavras-chave: encontro, pensamento, praça, formação de si, formação docente.

ABSTRACT

RODRIGUES, Viviane C. **MEET, THOUGHTS AND WRITTEN TO YOU: In addition to an academic background in art.** 2015. 86 l. Master Professional Master's in Education and Technology of the Federal Institute of Rio Grande do Sul - Campus Pelotas, Pelotas - RS.

This dissertation holds the crossings between looking, thinking and writing, which are composed from the landscapes of a place, Colonel Pedro Osório Square in the city of Pelotas, chosen by the contingency of good meetings that there have passed. Setting and characters characterized as bystanders - workers, prostitutes, morning, afternoon, engendered as a result of many days, new narratives. In the shadow of lights and its historic buildings, Pelotas won natural contours drawn in approach between nature and people. The act of a thought entered from meetings in the emergence of experimentation that unfolded by the look. While problematic wondered: how to operate a thought that is linked to the Square, the meetings it holds? Capturing these meetings the singularities that are likely to share a master's thesis? The possible implications of the exercise of thinking and a write held up the ways of this work, cambiando verbs and readings which enabled think of a process of forming itself in view of the philosophies of difference. Approached some ideas that tangenciaram this philosophical field, in particular, Deleuze and Foucault when they launch bases for thought through the creation and invention of new possibilities of thinking yourself to the world. In this perspective the aim was to discuss an idea of training that will constitute the practices of the self, care with you and the other in the Plaza space, exercise a look at yourself in that are also reflected issues for the field of teacher education in art. As a methodological procedure, the choice of cartography in this work produced data traveling in one dimension between the visible and the invisible where many crossings operate. The relationship with the forces of Square emerged impressions that were written in a notebook and tapping notes, drafts that bring the poetic connections between things of life and the world. Cut out to Square capturing the uniqueness of the meetings, concerns of sources for this researcher, which are revealed by the unpredictability tangent a composite plan of visibilities and trials. In this perspective, a training itself was based on impressions given in daily life of this place where they produce separate lists. Thus, let themselves be influenced by meetings and the invention of new ways of being in the city of Pelotas reinforced a quest for exceeding a look that was used to normality of everyday life without realizing that other possibilities could exist. It was therefore opening the instigation a look that worked with the thinking and writing reinventing and proposing discussions about teaching and their continuing education elements in life apart from an academic background.

Keywords: meeting, thinking, square, training itself, teacher training.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1:** CHAFARIZ DAS NEREIDAS LOCALIZADO NO CENTRO DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO.....13
- FIGURA 2:** VISTA DA PRAÇA DESDE O INTERIOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE.....22
- FIGURA 3:** DETALHE DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO JUNTO A RUA XV DE NOVEMBRO.....42
- FIGURA 4:** UM DOS BANCOS DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO.....50

SUMÁRIO

1. Entrelaçamentos, 14

1.1. Um olhar para a cidade, 23

1.2. Recortes de vida: a Praça, 31

2. Por uma *formação de si*, 43

2.1. Ensejos e desejos de uma escrita, 51

2.2. Texturas de um pensamento, 56

3. Olhares de si, 61

3.2 Algumas capturas, experimentações e reverberações, 67

3.3 De perto, de longe ao ver a Praça, 74

Considerações finais, 79

Bibliografia, 83

Notas de fim, 86

*Revoadas de pombas enfeitam a manhã em tons gris.
Céu fechado e o chafariz animado canta com suas
Nereidas.
Começa o dia.*



FIGURA 1: CHAFARIZ DAS NEREIDAS LOCALIZADO NO CENTRO DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

1. Entrelaçamentos

A construção desta dissertação foi feita com cuidado e carinho. Ao sul do Rio Grande do Sul uma Pelotas que aprendi a perceber assumiu outras referências, implicadas na relação com os espaços de convívio e lazer. São referências da ordem dos sentidos que se configuram pelos cheiros, pelos sabores, pelas imagens e principalmente, pela vida construída desde a minha infância. Falo de uma cidade que se constituiu de grande opulência econômica em outrora, acostumada à contemplação de sua história através da arquitetura dos espaços e da memória de seus habitantes, veio a assumir referência histórica construindo uma identidade ao sul do país¹.

Esta cidade percebo nos livros, histórica e culturalmente, mas que em alguns momentos se abre a outras possibilidades fazendo reconhecer em seus aspectos mais sutis o que se encontra subtraído pelas relações imediatas e pelas exigências de uma vida acelerada. Daí derivam os verbos *criar*, *insistir*, *apropriar*, *inventar* que irei utilizar para compor este trabalho. São os verbos que escolhi para fazer movimentar um *pensamento*², ou seja, forçar outras maneiras de perceber um lugar e a partir delas tecer provocações através de *agenciamentos*³ de coisas, palavras e pessoas apanhadas na experimentação que há algum tempo busco praticar em minhas andanças por esta cidade.

É no espaço desta cidade que busco apreender pela atenção curiosa e instigante os tons coloridos das imagens e das narrativas que se fazem. Teimo em perceber esse colorido no tempo do instantâneo, das passagens e dos efeitos relacionais que o social e o cultural produzem. A partir daí deixo-me provocar pela dimensão deste espaço em suas maravilhas e estranhezas.

¹ Cf. MAGALHÃES, Mário. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2 ed. Pelotas: Ed. UFPel, Coedição: Livraria Mundial, 1993.

² Cf. DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

³ Cf. ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2004.

Disponível em : <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridsever.com/wo-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>

Dessas impressões é que retomo a lembrança de uma formação familiar que foi orientada para uma sensibilidade, algo que tomava a imaginação e criatividade como uma abertura para o lúdico. Meu pai era uma das forças que constituíram essa formação quando me proporcionava em delicados presentes um cuidado amigável e terno. Eram demonstrações de carinho paterno, mas com o reconhecimento a uma criança que gostava das coisas mais simples, e por elas tinha um cuidado especial que imaginava existir vida em cada objeto, em cada brincadeira. Lembro-me de estar crescida e com minhas irmãs ainda manter um jogo de imaginação com o lúdico nas brincadeiras de infância, com a música e na reinvenção de espaços. Nesse jogo da imaginação nos era permitido mais do que uma aproximação fraternal, pois, o gesto esmerado de meu pai nos sensibilizava, de certa forma, para a arte. Algo a se delinear a partir da criação, da imaginação, do gosto pelas percepções que aprendemos a perceber quando aparentemente não existem.

Nesses entremeios de tempos através das vivências em família, nos tempos de escola até a universidade a escolha pela arte foi sendo moldada sutilmente, o que me fez chegar ao Curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas no ano de 2001.

A formação como professora de arte foi o que proporcionou uma aproximação com os aspectos delineadores da educação, enquanto sistema com suas teorias e práticas diversificando formas como os saberes são produzidos e, possibilitou o reconhecimento dos elementos culturais e históricos constituintes da cidade de Pelotas. Por diversas vezes capturados nos caminhos que levavam à universidade. Essa imersão na cidade urbana e em seus elementos constituintes chamava a desvelar características do invisível e do imprevisível. Na época, as imagens que visualizava e do que interpretava a partir delas pela escuta indisciplinada de vozes, outras sonoridades e impressões eram apresentadas. Abriam-se a uma possibilidade que se coloca numa escuta, num olhar. É quando alguém se põe a experimentar.

Foi assim que encontrei a *Praça*. Uma aproximação se dava através das vivências pela cidade, onde uma escuta particular buscava recriar ruas e espaços. O acaso de um *encontro*⁴ transformava-se na interação com o lugar e sua paisagem e

⁴ Cf. DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

nesse exercício, não havia neutralidade. Por momentos de amíúde atenção deste lugar foi possível marcar os dias, as horas e os tempos. Aos poucos, o olhar que despojava o cenário da Praça era mais uma vez capturado pela sua disponibilidade. O lugar que recorto, fonte de inquietação para mim se apresenta no cotidiano comum de muitos passantes. É parte do tecido urbano que caracteriza as relações de proximidade e distanciamento cruzando aspectos de organicidade, de vivências para além do social e cultural apenas. É assim que a tomo. Pela apropriação de sua paisagem, pelo olhar e pela experimentação de uma escrita propondo a criação como movimento de um pensamento.

O acaso desse encontro era de certa forma conveniente, mas não um mero acaso, pois fez com se modificassem ideias, potencializando outras vibrações. Fez um movimento de diferenciação que se dava a perceber no afeto⁵ desse encontro. A partir da concretude dessa interação foram permitidos novos modos de existir, de perceber o outro numa relação singular e potente.

Nos detalhes dessa captura é que se desenhavam o encontro com o imprevisto diante das impressões que ali se produziam, com o passar dos dias, notava-se que as imagens reiteravam uma produção constante de passagens e de composições climáticas pertencentes ao lugar. A Praça notoriamente reconhecida pela paisagem espacializada com grandes árvores e arbustos, pela centralidade de um histórico chafariz, dividia atenção com os passantes numa produção de vivências particulares em que o lazer e o trabalho confundiam-se.

Mesmo nas tardes frias e ensoladas ou nas manhãs em tons acinzentados percebia-se o lugar como conexão entre ruas, caminhos onde cruzavam vidas distintas. Mulheres buscando discrição na atenção ao seu trabalho, de outro modo, jovens entre risos frouxos e melodias cantaroladas. Velhos senhores reunidos em torno de mesas nos jogos de xadrez, em meio a profusão de sons, concentravam-se. O movimento era intenso, fluxo rápido de pessoas e bichos, cães buscando comida ou abrigo, espécies variadas compondo uma diversidade incomum.

⁵ De acordo com André Martins (2014): “Afeto que vem do fato de afetar-se, o que resulta da interação com o ambiente, e é o resultado (falando já em Espinosa) daquilo que nos marca”.

Instigava-me na percepção atenta aos detalhes do lugar e utilizava-o como pausa para breves leituras e instantes de descanso. Então quando de um encontro afetado por alegres sentimentos fazia aumentar a singularidade⁶ de uma relação pela qual se tomavam outras percepções. Tratou-se, pois, de abrir o olhar numa instigação que atuou junto ao pensamento e a escrita reinventando modos de existir e propondo discussões sobre a docência e seus elementos de formação continuada na vida.

A Praça *Coronel Pedro Osório*, que descrevo em maiúscula, está situada no centro histórico da cidade de Pelotas e é onde se desenvolvem modos de estar coletiva e individualmente no entrecruzamentos da mistura desses corpos⁷.

Minha aproximação com a Praça se desenvolveu durante uma pesquisa de Pós-Graduação realizada no ano de 2012, o que resultou em um artigo monográfico. Na época investigava a Biblioteca Pública Pelotense e as dimensões de seu espaço fechado, dirigido por algumas regras. A biblioteca compunha um dos prédios públicos que entornam a Praça e, por isso, houve uma proximidade que entremeou o espaço fechado e o aberto. Durante esse período estive em contato permanente com os dois lugares – biblioteca e Praça, percebi como eram distintos na sua espacialidade desenhando modos de fazer e modos de viver diferentes. Ainda que reconhecidos igualmente como espaços dirigidos a comunidade e preservados pela administração pública, a biblioteca era tomada como um lugar de silêncio e moderação nas atitudes, enquanto a Praça vista como lugar de lazer permitia comportamentos mais livres, dinâmicos e de grande interação com o seu espaço.

Oservar um lugar que compõe a rotina da cidade em sua urbanidade, pareceria um ato que revelaria obviedades, contudo, os aspectos descritos como uma produção

⁶ Para Deleuze (2005) “Existem singularidades de todos os tipos, sempre vindas de fora: singularidades de poder, apanhadas em relações de forças; singularidades de resistência, que preparam as mutações; e mesmo singularidades selvagens, que ficam suspensas no lado de fora sem entrar em relações nem se deixar integrar... (e somente aí o "selvagem" adquire sentido, não como experiência, mas como o que ainda não entra na experiência)”.

⁷ Para Deleuze; Guattari (1997, p. 47), “um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, *um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude*: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potencia (latitude)”.

constante de passagens reinventava-se a cada dia, trazendo novas imagens e novas maneiras de se perceber o que acontecia naquele espaço de tantas relações.

Mas a escolha pela Praça, e não outro lugar, vem a ser determinante quando se atenta para uma particularidade, uma referência nostálgica de infância e de tempos atuais, pois ela ainda é tomada como espaço público preservado de lazer e sua posição central é privilegiada servindo de palco para diversas manifestações artísticas e culturais. A essa particularidade, ao mesmo tempo considerada um recorte de vida, exprime-se a ideia de uma interlocução. Algo a ser chamada de intercessão, interposição. Este seria o funcionamento da Praça dentro da pesquisa que estive realizando que agora, nesta dissertação, coloco como elemento disparador de intensidades de uma escrita que trata de uma *formação de si*. A ideia de uma *formação de si* está em relação a um *cuidado de si* segundo Foucault (2009b), valei-me das concepções deste autor nas suas considerações acerca da ressonância da ética do cuidado de si na contemporaneidade, recorrendo às práticas sociais exercitadas na cultura antiga⁸. Para traçar sua análise, Foucault propunha discutir e problematizar as implicações dessa ética nos dias de hoje. O cuidado de si diz respeito, conforme o autor, à uma escrita de si, a um exame de consciência e a uma constante intensificação da vigilância em torno da conduta do próprio sujeito. Dentro desta dimensão, proponho pensar a experiência que o indivíduo tem consigo mesmo diante das interrogações que ele faz de suas próprias atitudes, na relação com os outros e com as coisas da vida. Para então, a partir disso, focalizar o próprio ponto de singularidade e de diferenciação nesse processo.

Para tanto, era preciso construir maneiras de interrogar-se. Foi assim que cheguei a duas questões principais nesta dissertação: Como fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça, nos encontros que ela reserva? Como captar destes encontros as singularidades que são passíveis de compartilhamento numa dissertação de mestrado? Essas são questões que problematizam uma produção de sensações que dá corpo a esta investigação.

⁸ Estas são algumas questões que aparecem em O Cuidado de si (FOUCAULT, 2009b), e que foram apresentadas com o intuito de traçar uma análise em torno da cultura romano-estóica.

Transitar pela Praça entrelaçou-se a algumas leituras sobre os processos de formação e de subjetivação⁹ a que estamos invariavelmente sendo atravessados, engendrando saberes e poderes em nossa constituição como sujeitos. Estive acompanhada de conceitos e literaturas, autores que há algum tempo me provocam e fascinam, aterrorizando concepções já formadas. Deleuze (2010), Foucault (2009b), Clarice Lispector (1982) e alguns outros –Barthes (2006), Calvino (1990), Certau (2007) - me acompanhavam pelos caminhos que escolhi percorrer. Desnudavam minhas roupagens prontas de tal maneira que fui levada a intuir outras impressões de um mesmo lugar. E assim o fiz. As tessituras que guardei dos encontros com a Praça caracterizavam-se nos aspectos mais sutis, nos detalhes apreendidos nos desvios do olhar. Um olhar que se exercitava ao caminhar pelos acessos da Praça - em sentar nos bancos, em apanhar as folhagens e materiais para compor o material de investigação, tudo guardado em meu diário¹⁰, o que despertava e aguçava os sentidos trazidos na interação com esse espaço. Além disso, eram utilizadas ferramentas teórico-metodológicas para que pudessem impulsionar uma cartografia¹¹ das experiências confeccionadas nessa interação, como estratégia no agenciamento de uma escrita subjetiva com as filosofias e com a literatura, e, pela expressividade buscada na experimentação física com a Praça e seus componentes. “Numa primeira aproximação, se está em presença de uma agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9)”. As tessituras

⁹ Sobre a constituição do sujeito ou a “subjetivação” da qual Foucault analisava: “Se é verdade que o poder investe cada vez mais nossa vida cotidiana, nossa interioridade e individualidade, se ele se faz individualmente, se é verdade que o próprio saber é cada vez mais individualizado, formando hermenêuticas e codificações do sujeito desejante, o que é sobra para nossa subjetividade? Nunca “sobra” nada para o sujeito, pois, a cada vez, ele está por se fazer, como um foco de resistência segundo a orientação das dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder (...) a subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas”. Cf. Deleuze, 2005, p. 113.

¹⁰ Este diário compõe-se num caderno de escutas e notas, como assim foi chamado, sendo parte do material coletado durante a pesquisa, e algumas de suas produções encontram-se descritas ao longo deste trabalho.

¹¹ Cf. ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2011.

guardadas se seguiam como marcas que compõem uma escrita atravessada de percepções e sentidos inesperados, imbricando-se com a sensibilidade de um olhar.

Para Rolnik (2011),

“A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social” (p. 65). “O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer a sua travessia: pontes de linguagem” (p. 66).

Problematizar uma ideia de *formação de si* que se constrói no vivido, de um questionar a si próprio, tem a ver com as marcas deixadas pelos encontros com a Praça e com encontros como aqueles estimulados pela família, pela escola, dentre outros espaços de convívio. No sentido desta construção busca-se relacionar este formar a si a uma ideia de *formação docente* decorrente dos atravessamentos sensíveis que sem dúvida foram estimulados em minha formação acadêmica em arte, com a qual instaura-se a construção de conhecimento e que, de certa forma, me traz até a Praça, me fazendo constituir com ela bons encontros.

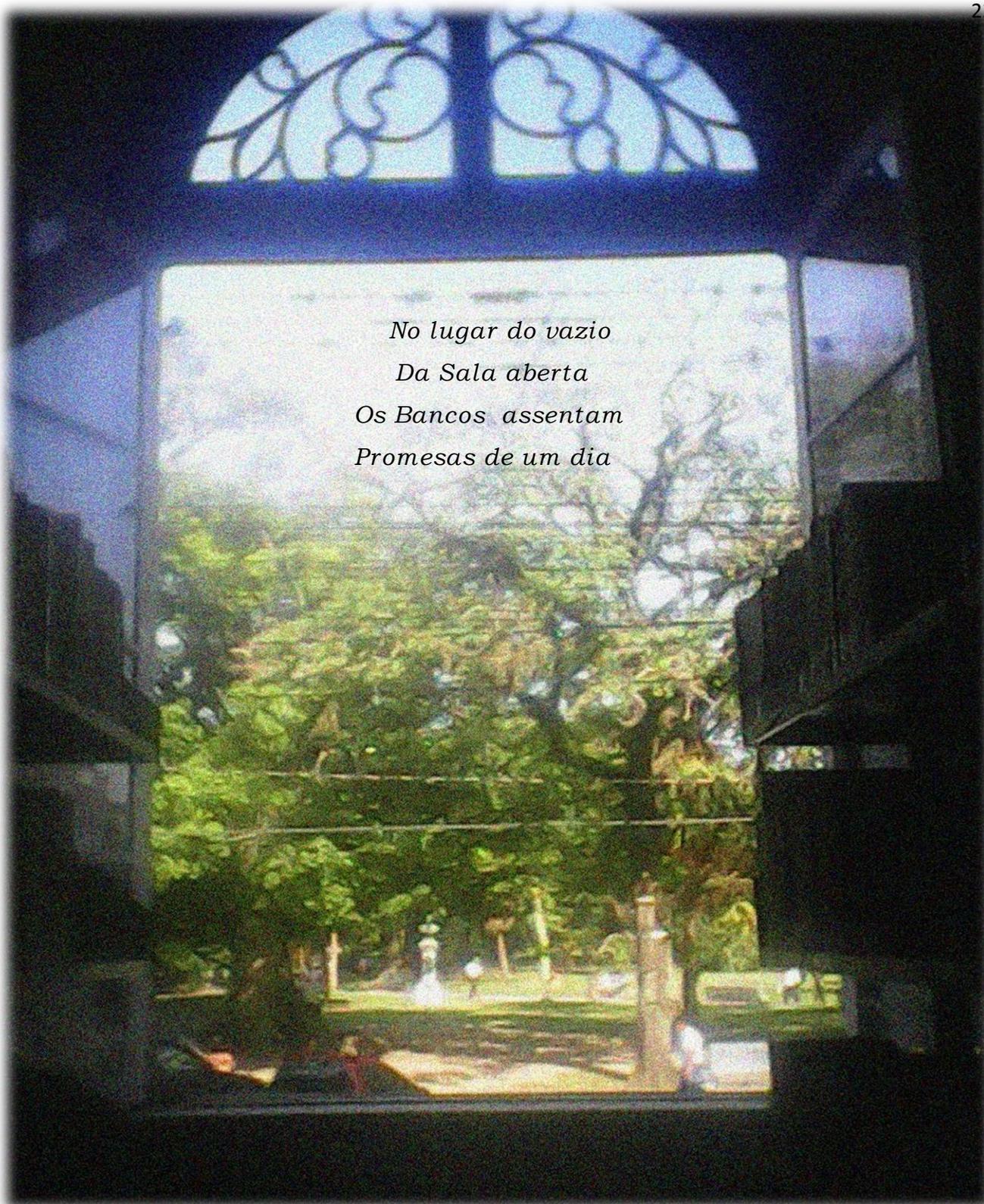
Os modos de percepção que o contato com a arte estimula se manifestam em qualquer lugar e a qualquer tempo. Entendo arte como uma prática que compõe paisagens existenciais, num plano de composição estético que é “um jorro de traços, de cores e de sons, inseparáveis na medida em que se tornam expressivos” (DELEUZE; GUATTARI, 1993, p. 283). Esta prática envolve toda criação, e aprender com as sensações que ela produz, em especial, quando implicam a atualização do pensamento, reforça a ideia de uma formação docente em arte que se abre aos *devires*¹² movimentados na invenção de novas possibilidades para além de uma formação acadêmica. O devir que está para o imprevisto, do que não está dado, mas daquilo que surge potente neste movimento.

¹² Cf. ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2004.

Disponível em : <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridsever.com/wo-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>

Reinventar uma escrita e conectar-se a um lugar instigava-me na experimentação com a Praça e com as leituras da Filosofia da Diferença. Em outras palavras, buscava desdobramentos nas maneiras de viver a vida e ver o mundo. Deixando-me levar por uma escrita em processo, um vir a ser que instigava uma desacomodação incessante. Nesse processo instauravam-se as vivências que temos em diversos espaços de convívio social e com diferentes aspectos da vida, em outras tramas. Tratava-se daquilo que compõe nossas concepções, nossos saberes e nossos valores. De tudo a que somos atravessados, quando somos.

A partir daqui, tecerei algumas considerações a partir do caminho trilhado. Essas considerações se apresentam como produtos da investigação, e ao mesmo tempo, foram determinadas pela interlocução teórica. As cenas que irão se seguir compõem um roteiro em vias de finalizar-se, mas que continua a compor. Como um quadro que se vai pintando... E pintando cada vez que se olha para ele. Ao escrever as linhas que se seguem forjam-se saberes e práticas tangenciadas na relação com a Praça.



*No lugar do vazio
Da Sala aberta
Os Bancos assentam
Promesas de um dia*

FIGURA 2: VISTA DA PRAÇA DESDE O INTERIOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE

1.1 Um olhar para a cidade

[...] tudo o que Lucrecia Neves podia conhecer de si mesma estava fora dela: ela via; "entre bocejos incessantes também ela queria assim exprimir sua modesta função que era: olhar.

Clarice Lispector

A experimentação com a Praça e o que dela pode resultar em uma escrita tem no olhar um ponto de entrada *olhar*. Trata-se de uma abertura e, ao mesmo tempo tem-se um olhar para si mesmo, uma atenção ao que nos constitui e atualiza. Nesta abertura tem-se a inauguração de novas vibrações para se ver e narrar as coisas tomando consciência do que pode existir para “além de”. Entendendo que aquele olhar não disposto a abrir-se e o qual não volta a si mesmo, tende a não perceber-se como parte do processo permanecendo assim, condicionado. Por esse motivo, confio ser pertinente transpor ideias que enquadram nossa maneira de “ver” as coisas, sobre os aspectos delineadores de nossas posturas que habitualmente enfraquecem nossas sensibilidades. Ao tomar tais aspectos como definidores de comportamentos e posturas verifica-se que eles estão, de todo modo, sendo produzidos em instâncias culturais pela pretensa adequação aos modelos de vida, de projeção midiática e de consumismo, assim como os aspectos econômico-sociais e políticos, porque fazem parte justamente de um sistema de valores capaz de comandar as ações no mundo. Falo de um sistema capitalista notadamente regulador, transmissor de ideias, e que é capaz de insuflar até mesmo guerras.

Os processos de docilização e regramento executado pelo capitalismo nos constituem enquanto processos de subjetivação estes decorrem de relações sociais históricas sempre em funcionamento. O capital é sempre uma constante nas ações subjetivadoras que modificam comportamentos e pretendem atualizar escolhas de vida, de modos de vida, sempre cambiantes nesses processos. Uma cidade compõe-se desses processos de subjetivação quando se efetivam práticas cotidianas em que os

ideiais capitalistas atuam de modo constante, é assim que se percebe os embates diários com os compromissos, horários, prazos, leis, etc. Pois, a urgência e a aceleração do tempo tornou-se incompatível com a ideia de uma pausa para se perceber as coisas do mundo, como relacionar-se com os espaços e com os aspectos invisíveis ou como perceber-se atuante na vida e nas transformações que possam se dar. E tentar reinventá-la talvez seja como adentrar em outras dimensões caminhando por topografias que nos parecem a princípio sinuosas.

Esta escrita é uma aposta na criação, na intersecção e no entrecruzamento de outros campos de pensamento, permite olhar de um modo particular a Praça e seus elementos. Por isso mesmo é preciso escolher. Escolher olhar e como olhar.

O cotidiano imposto pela normatização somado à regularização de comportamentos e atitudes tende a fabricar indivíduos, ao passo que estes fabricados regem seus modos de vida através das mediações socioculturais estabelecidas e não mais contam com a noção de liberdade, que se faz capaz de produzir sentido para efeito de criação. Fala-se de criar, como referir ao desejo de experimentar, de pensar, de produzir e, não, reproduzir (RODRIGUES, 2013, p. 12)

Podemos estender a perspectiva deste visível ao olhar para uma análise próxima ao que Foucault (2000) considerava como dispositivos de visibilidade e a visibilidade para Foucault é qualquer forma de sensibilidade, qualquer dispositivo de percepção. As máquinas de ver que tangem os procedimentos de subjetivação que notoriamente conhecemos na sociedade como a medicina, a pedagogia, a observação sistemática em qualquer aparato disciplinar, a disposição dos corpos nas instituições penais, hospitalares, etc. O autor explicita o conceito como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

São as práticas de vigilância, de normalização que impõem determinadas escalas de valor que demonstram alguns desses procedimentos. Desse modo, encontramos em

Foucault (2009b) uma análise de como os modos de subjetivação¹³ são produzidos, uma vez que, tomam as mais diversas configurações produzindo diferentes estilos de vida.

Em todo o caso, e no que aqui interessa é trazer justamente a análise deste autor para discutir como esses modos ou procesos de subjetivação gravitam em torno de um indivíduo que busca examinar a si mesmo ao tornar-se visível independentemente das condições impostas a ele. São aspectos que assumem a condição *do* olhar e *de* olhar em instâncias diferentes e colocam em questão as formas que escolhemos para viver diante do que nos é dado, se queremos apontar direções fixas para o olhar ou se queremos dar a ver novos caminhos¹⁴. Em que pese o indivíduo esteja envolvido no conjunto de mecanismos reguladores de suas práticas não podendo “ver” a si mesmo como um objeto externo, ele se constitui como um indivíduo que olha para si e atenta. Essa auto-verificação poderia tomar o sentido que propomos de olhar para si mesmo, ver a si mesmo enquanto prática de uma *formação de si*.

Mais adiante, encontramos em Clarice Lispector (1982) um olhar que se ergue sobre uma cidade e sobre seus habitantes pela curiosidade instigante de uma moça. *Espiar* e *Olhar* eram ferramentas usadas pela personagem que sonhava transformar a realidade e a si mesma. Uma narrativa interiorizada descrevia cada coisa, cada momento vivido na cidade exprimida pelo olhar de Lucrecia Neves.

Eis que, nesse sentido, olhar para um lugar, qualquer que seja, pode ser um trabalho de inquietação e não menos de uma verificação histórica do que nos constitui, pois, ao olhar por onde transitamos percebendo de que corpo somos feitos e quais rastros deixamos; ajuda a dizer daquilo que nos compõe. Precisemos esse ponto antes de encontrarmo-nos com a Praça. Atentemos para sua constituição dentro da cidade

¹³ A escolha estética e política, por meio da qual se acolhe um determinado tipo de existência é compreendida por Foucault como um modo de subjetivação possível. Os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e, cabe insistir, mutantes (MANSANO, 2009, p. 114).

¹⁴ As máquinas óticas e as máquinas discursivas determinam uma espécie de topologia da subjetividade: aquilo que a pessoa pode ver em si mesma e como, ao nomeá-lo, pode traçar seus limites e seus contornos, mas a consciência e a autoconsciência humana não implicam apenas uma topologia do eu, mas toda uma construção da identidade pessoal que está articulada temporalmente (LARROSA, apud SILVA, 1994, p. 68).

para, a partir daí, olharmos para a cidade, de forma que a ocupação dessa função implique a exigência de se referir a sua origem histórica e cultural.

Se nesta dissertação há o desejo de reinvenção de um cenário da cidade torna-se necessário emergir sentidos que atualizem a peculiaridade tomada pela sua constituição histórica, das formas das coisas vistas e dos indivíduos formados nesse ambiente. Assim como os gregos, na Antiguidade, aprenderam a reconhecer a cidade (*polis*) como uma constituição que supunha mais do que a simples convivência social, mas desabrochava nos efeitos de uma organização política voltada para fins superiores.

Assim nos explica Ramos (2010, p. 36):

A cidade (*polis*) constitui uma forma de comunidade que representa o ponto culminante no processo de realização dos fins comunitários que começa com a família. O simples viver junto não caracteriza o que o homem é essencialmente. A verdadeira vida humana deve almejar a organização política, que é uma forma superior e até oposta à simples vida social da associação familiar e da aldeia. Para os gregos e, principalmente, para Aristóteles, só há vida política (*bios politikós*) quando a convivência entre os homens atinge a sua expressão pública (política).

Se para os gregos, naquela época, a cidade se compunha pela superioridade política em relação aos seus habitantes, em outro momento histórico evidenciado na Europa por volta dos séculos XVIII e XIX, as características de uma cidade estariam mais voltadas ao modelo do que ela deveria sanar socialmente, e politicamente, no que se referia à solução e intervenção de sua mobilidade urbana. E as cidades assim se reinventavam, e ainda são reinventadas cada vez que se exprimem novos modos de concebê-las.

Conforme Dudeque (1995, p. 27):

Apertadas sobre si mesmas, as grandes cidades europeias passaram a conviver, em meados do século XVIII, com o medo do espaço escuro, da escuridão que impedia a visão dos pobres, doentes, rebeldes e os tornavam monstruosos. Era preciso destruir os fragmentos de noite que se opunham à claridade, acabar com os espaços escuros nas sociedades, demolir as câmaras onde se fomentavam o arbitrário político, as loucuras, as superstições, os complôs, a ignorância, as maldições, as epidemias. Estes aglomerados escuros e doentes careciam de tratamento higiênico. Higiene política, higiene higiene.

As concepções trazidas até aqui demonstram como a constituição das cidades moderno-contemporâneas foram inspiradas na concentração de indivíduos e na atenção às suas conexões simbólicas com o social e o cultural. Concentravam suas estruturas espaçotemporais sob as quais se assentavam uma sociedade urbana e industrial que já experimentava crises, conflitos e alguns fenômenos característicos de grandes aglomerados urbanos. A formação das cidades acompanha os processos históricos de subjetivação, uma vez que ela é, em múltiplas facetas, a expressão de seus habitantes e a condição existencial dos que nela coexistem. Do mesmo modo, da exuberância e da angústia cristalizadas nas cidades, configuradas em descontinuidades e diversidades, formavam-se assim suas narrativas.

É preciso se reportar a esses cenários para entender que, enquanto herança colonizadora, as cidades no Brasil tiveram forte influência destes modelos. O desenho urbano, a arquitetura, as ruas e outros aspectos foram se incorporando às cidades brasileiras seguindo cada uma as particularidades de sua colonização¹⁵. Importante considerar o aspecto urbano das cidades, pois é de onde elas iniciam seu desenvolvimento econômico e social tendo como base os interesses políticos de cada época e de sua geografia (DUDEQUE, 1995). Pelotas, compreendida neste cenário, uma das cidades mais antigas do Rio Grande do Sul, ajustou-se quase rigorosamente à regularidade de seu traçado geométrico e, mais adiante, formou-se um grande centro urbano mais ao sul do país, tendo como referência cultural e econômica a herança europeia e o trabalho escravo. Em aspectos muito particulares, evidenciou essa herança na construção de um centro histórico formado por diversos prédios de imponente arquitetura e uma praça principal¹⁶.

Tem-se a cidade e a praça enquanto fenômenos de um mesmo processo que não apenas integra o social, mas correspondem às maneiras de se fazer na contemporaneidade, pois ambas são dotadas de aspectos relacionais que se articulam ao meio ambiente, ao cultural e aos próprios indivíduos. Essas formas de convívio

¹⁵ Segundo Magalhães (1994) Pelotas elevou-se à condição de Cidade em meados do ano 1835, tendo como raízes do processo de urbanização a origem no urbanismo grego do século 5 (*plano hipodinâmico*), certamente determinada pela topografia da cidade com suas ruas largas e retas.

¹⁶ Magalhães (1993) explica assim um fenômeno urbano: “Pelotas é uma das poucas cidades antigas do Brasil em que a igreja e a praça principais ficavam a relativa distância” (p. 29).

definem como serão tomados esses arranjos no seu espaço e principalmente como esses serão reconhecidos na descrição deste espaço. Neste ponto aproximo a noção de espaço à de lugar conforme postulou Marc Augé (1994)¹⁷, na qual ambos caracterizam-se por uma construção concreta e simbólica vivenciada pelos indivíduos e onde, em muitos momentos, interpenetram-se assumindo o mesmo entendimento.

As considerações sobre o espaço urbano em conformidade com os autores mencionados possibilitam compreender que a herança histórica e cultural revelada nesses aspectos atua significativamente nos processos de formação da sociedade, de seus atores sociais e dos lugares criados a partir dessa relação. Trata-se de uma primeira aproximação à complexidade da dinâmica social contemporânea em que a cidade e, mais precisamente, suas praças, irão constituir historicamente em meio aos arranjos sociais e econômicos, evidenciados nas relações que se movem pelo aspecto coletivo e individual.

A imagem que ilustra a cidade de Pelotas e suas configurações é aquela que acompanha os caminhos desta pesquisa, no qual os tons diversos percebidos pela sua composição histórica ajudam a descrever os entrecruzamentos da leitura de autores das Filosofias da Diferença, nas experimentações escritas junto a Praça, nas ideias capturadas pela pesquisa na Biblioteca Pública; e pela própria formação de vida. Das provocações que esses entrecruzamentos trazem conjugam-se aqueles que o processo de pesquisa permitiu explicitar.

Nas narrativas que se seguem, encontro movimentos disparadores para uma escrita fazendo-os compor o que chamarei de *desvios no olhar*¹⁸.

¹⁷ Segundo Marc Augé (1994), três transformações aceleradas do mundo contemporâneo - uma relativa ao tempo, outra ao indivíduo a terceira ao espaço - são as responsáveis pela figura do excesso, característica do que ele convencionou chamar de supermodernidade. No caso da superabundância espacial, esta "se expressa nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte. Ela resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de população, multiplicação daquilo a que chamaremos 'não-lugares', por oposição à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço" (p. 36).

¹⁸ Os movimentos disparadores aqui descritos são fragmentos que acompanharão este trabalho, parte da metodologia utilizada, e foram propostos como exercício pensante de uma escrita. Sendo referenciados como *Caderno de escutas e notas*.

A cidade recortada pelo olhar da personagem Lucrecia Neves em *A cidade sitiada*:

Também a cidade deveria ser espiada por uma seteira. Assim quem espiasse, se defenderia, como a coisa espiada. Ambos fora de alcance. Assim Lucrecia espiava curiosa pela seteira, quase acocorada junto à fechadura. Dentro de uma atenção máxima ela era inconsciente
(LISPECTOR, 1982).

E aquela que percebo em minhas andanças¹...

*É cedo, é tarde, não mais que meio-dia, brilhava o sol em tons coloridos
A gritar a cantar, eles se deixavam ver, Insistentes...
pelas alamedas, nas ruas
Eu os encontrava
Em outros dias
A cada vez que os via, tornavam mais jovem a música, o velho violão
Dois, três, quatro de uma só vez... nos bancos, perfilados ao chão
Contavam histórias, memórias recentes
Angústias e alegrias vividas
Alimentavam cães e bichos soltos
E eu os encontrava
Em certo tempo, esvaziavam as ruas
Dispersando pelas alamedas o riso frouxo, a pressa, a juventude
Deixando a tarde mais fria, silenciosa
Sem eles eu não conseguiria ver
Como é ocupar um lugar
E eu os encontrava¹⁹*

¹⁹ Caderno de escutas e notas, 2014.

Deleuze afirma que o “escritor é alguém à espreita”²⁰, como quem faz às vezes de um animal, alguém que vigia e percebe o que está a sua volta e vasculha. É então conferir um olhar próprio aos elementos fugazes e inapreensíveis de uma paisagem que se olha atentamente. Exercício que é pensante e improvisado. Da ordem do imprevisto.

Continuo a apostar numa curvatura e numa abertura do olhar... Para então adentrar numa dimensão especial da cidade: a Praça. Na concretude de um lugar, de uma paisagem, uma ambiência dotada de inesperadas composições em seu cotidiano.

²⁰ DELEUZE, Gilles. O Abecedário.

Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2012.

1.2 Recortes de vida: a Praça

E a cidade ia tomando a forma que o seu olhar revelava. Nesse momento propício em que as pessoas viviam, cada vez que se visse - novas extensões emergiriam, e mais um sentido se criara.

Clarice Lispector

Existe uma apropriação da palavra que permite caracterizar aquilo que se pretende denominar, tomar para si, pertencer. Essa apropriação tem a ver com a experiência do concreto, do imediatamente visível, físico, que se tem de um lugar e suas intensidades relacionais, de uma abstração que está além do vivido, que dá forma a paisagem educando e deseducando o olhar. Pensado assim, o nome *Praça Coronel Pedro Osório* vem a ser concretude e abstração ao mesmo tempo. Mescla-se na elaboração de narrativas escritas, práticas vividas e sentidos acentuados. A inscrição que nomeia esta Praça é a que historicamente referencia a cidade de Pelotas e sua constituição no aspecto urbano²¹.

Enquanto espaços públicos as praças funcionam por meio de deleite aos habitantes de uma cidade uma vez que condicionam um local para o descanso e o lazer. Poderíamos considerar somente esse preceito, contudo a Praça Coronel Pedro Osório exercita outras funcionalidades em seu ambiente que vão desde práticas culturais e manifestações artísticas até possibilitar espaço para o trabalho informal, pois sua localização central privilegia esses aspectos e atualiza outras possibilidades de interação. Nas circunstâncias do meu envolvimento com a Praça, e por uma estratégia de metodologia para compor o trabalho, escolhi o período da manhã e da tarde por acreditar que as composições do dia se acentuam sem requerer os perigos que a noite

²¹ Nos espaços brutalmente iluminados por uma razão estranha os nomes próprios cavam reservas de significações escondidas e familiares. Eles “fazem sentido”: noutras palavras, impulsionam movimentos, à maneira de vocações e chamados que dirigem ou alteram o itinerário, dando-lhes sentidos (ou direções) até então imprevisíveis. Esses nomes criam um não lugar nos lugares: mudam-nos em passagens (CERTEAU, 2014, p. 170-171).

ofrece. Na luz do dia a interação com o ambiente da Praça favorece uma atenção maior e mais segura, neste caso, para o trabalho de pesquisadora.

Externamente a Praça é circundada por oito ruas ladeadas de exemplares arquitetônicos imponentes, e em seu interior é composta por diversos monumentos que homenageiam figuras ilustres e, também, aquelas que fazem parte de um acervo artístico particular de artistas que promoveram seus trabalhos nesta cidade, entre eles, o renomado Antonio Carangi. Além de apresentar um chafariz central e grande variedade de espécies botânicas que guardam um passado de muitas memórias. Algumas fontes de informação ajudam a perceber da constituição deste lugar e a relevância que ele apresenta para a cidade e sua composição histórica²²

A configuração desta Praça serve não somente de referência, mas demonstra uma particularidade que define sua paisagem visual e espacial em meio ao trânsito urbano. A Praça tem em seu domínio processos naturais que estão relacionados à dinâmica dos seres que ali convivem, interagindo de algum modo. São aspectos que a definem como um ambiente natural configurado pela terra, árvores, flores, plantas, pequenos animais e micro-organismos. É possível verificar as graduais mudanças no seu ambiente, por vezes, imperceptíveis. Junto às alterações naturais dos elementos vivos que a compõem, traduz-se um universo de vida em processo - o ciclo das plantas, a reprodução de pássaros e insetos, as alterações climáticas, as estações bem definidas. Configura-se assim, enquanto meio de interação humana quando incorpora coletividades num mesmo espaço: indivíduos representados por passantes, aposentados, estudantes, trabalhadores numa série de comportamentos investidos de padrões sociais, como a opção pelo trabalho ou pelo lazer.

²² Dizem os historiadores que no local da Praça principal havia um terreno com grandes árvores: pés de eucaliptos e bojudas palmeiras que tiravam a vista dos prédios circunvizinhos. O Intendente Dr. Cypriano Correa Barcellos dirigiu e executou, conjuntamente com o Dr. César Campos, Jorge Schury, Carlos Bacchattini e o competente jardineiro Yata Saito, a substituição das árvores primitivas por arbustos e ramalhetes que começaram a florir com fragrância. Isso ocorreu entre os anos de 1911 e 1914. Praça Coronel Pedro Osório, Um pouco da história.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS.

Disponível em:

<<http://www.pelotas.com.br/pelotaturismo/atracoes-turisticas/pelotas-cultural/patrimonios/index.php?patrimonio=praca-coronel-pedro-osorio&iframe=true&width=720&height=720>>. Acesso em 02 jul. 2013.

Movimentam-se em malabares e trocam de mão em mão seus coloridos instrumentos de trabalho. Ensaio e apresentação se confundem neste devir.

Trapezistas por entre os carros, ao som da gaita de boca apresentam seu show cujo grandfinale está na interação com o público. De quem espera recíproca e apoio, mas que em poucos segundos nem sempre alcançam.

Condição natural deste espaço-tempo potencializado que fere pela indiferença, mas que também compartilha certo contentamento.

A m a r e l o...

Agradecidos, os artistas recolhem seus objetos e sua gratidão por breves instantes e voltam e voltam e voltam... Repetindo o mesmo ato.

Em Calvino (1990) encontramos um aspecto comum às cidades e suas configurações: "Como os sonhos, as cidades são construídas por desejos e medos" (p. 44). Nas palavras do autor pode-se perceber a complexidade das relações que se constituem na sua dimensão. Dos aspectos visíveis e invisíveis que se dão como a um sonho: construídos no dia-a-dia onde se fazem e desfazem sentimentos, sentidos, memórias e significados distintos. A Praça que está em interação com a cidade se compõe nesta dimensão quando se demarcam suas configurações específicas, expressividades que farão dela um conjunto de aspectos específicos, próprios e fronteiriços como acesso de uma rua a outra, a centralidade junto ao centro histórico, a identificação de monumentos como o notório chafariz das Nereidas.

Um campo concreto de relações. Assim a Praça intervém na cidade de desejos e medos, e seus aspectos expressivos se articulam com outras dimensões tramando linhas que se relacionam as operações sociais, culturais e econômicas. Com o turismo, com a história, com as questões acerca do trabalho informal, com a sexualidade, com a juventude, com a velhice, com a violência urbana. Com as manifestações artísticas, as questões climáticas, enfim, tudo o que interfere na demarcação do seu domínio.

Algo muito próximo do que Deleuze (1992)²³ cunhou como *intercessores*. O conceito de intercessores é dado por ele para se referir a forma como atuam os mobilizadores de um pensamento. Os intercessores são próprios de uma afinação e desafinação com o lugar e seus componentes físicos, estruturais e, porque não, invisíveis. O autor aposta na ideia de que a criação conceitual para o filósofo depende do trabalho de seus intercessores, a eles se caracteriza a mobilização, o deslocamento, o impulso para a criação tão cara ao trabalho dos filósofos. Os intercessores podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; - mas também coisas, plantas e até animais (idem, 1992, p.156) atuando como mobiliza dores de um pensamento. Direcionando a concepção deste autor ao trabalho proposto nesta dissertação deseja-se a Praça como intercessora de um aprendizado, e de uma afinação/desafinação com a possibilidade de aprender. É forçar o pensamento a um movimento, o criar, o problematizar uma ideia de formação na vida que está para além de uma formação apenas acadêmica.

Os conceitos de Deleuze e Foucault possibilitam pensar a Praça enquanto dimensão de relações entre corpos, onde se produz um domínio de situações e fenômenos particulares. É na concretude da matéria que este meio se caracteriza: insetos, micro-organismos, relações humanas, etc. E nas qualidades expressivas desse domínio: os sons, os cheiros e demais elementos. São essas as qualidades de um meio que abusa de componentes expressivos, alguns fixos e outras variáveis como os que são determinados pelas alterações naturais e climáticas. Os componentes fixos servem de referência histórica, como os monumentos, os bancos, o chafariz e outras estruturas, e a própria localização no urbano faz com que opere ali uma

²³ DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª. Ed. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997), ou seja, são as combinações expressivas que traçam a delimitação da Praça.

Deleuze (1992, p.156) afirmava que “é preciso fabricar os próprios intercessores. A criação são os intercessores”. Na esteira deste pensamento descobro algumas ressonâncias com a proposta deste trabalho pelo modo como busco dialogar com a Praça e seu domínio, e quando sou tomada por um exercício de experimentação a partir dela.

Assim em minhas visitas a Praça encontrava uma maneira de capturar suas forças para, então, propor a discussão em torno de uma *formação de si*.

Ruas nuas, ruas cruas
 Todas iguais
 Muitas em uma só
 Nenhuma igual ao seu interior

À margem se desfazem
 As ruas
 Todas elas esquecidas
 De um tempo outro

Contam pelo caminhos
 Descaminhos
 De um processo que se inventou
 Reinventou
 Pelas portas abertas²⁴

²⁴ Caderno de escutas e notas, 2014.

A apropriação do espaço da Praça se deu por um novo olhar, um modo particular e uma atenção ao seu ambiente. Na medida em que passavam os dias cruzavam-se diversos aspectos e personagens que evidenciavam a tomada de um espaço em construção poética. Importante verificar que a noção de *personagem* refere-se aos elementos captados na forma de uma escrita poética, entre eles, a prostituta, os trabalhadores, as manhãs, as tardes, e outras percepções. Ao passo que, os passantes refere-se aos demais indivíduos que “transitam” por este espaço e que se identificam com este nome por conta de uma participação incógnita, múltipla, com a Praça.

A Praça como espaço de coletividade foi precisada pelas estranhezas percebidas no seu ambiente que pareciam, a princípio, fortuitas. De um lado, somavam-se passantes dedicados a uma rotina de trabalho e de lazer porquanto utilizavam a Praça como passagem de uma rua a outra. De outro, destacavam-se personagens ensaiando práticas notadamente particulares. Havia em vários momentos imagens que despertavam uma inquietação, e instigavam por permanecerem quase despercebidos não fosse uma atenção mais precisa. A presença e circulação de algumas prostitutas a luz do dia, a Praça como ambiente de trabalho foram alguns dos aspectos verificados, justo quando ainda não se intencionava realizar uma pesquisa. Eram situações tomando a forma instigante e pulsante de uma escrita na qual um personagem já se desenhava, a prostituta.

(...) Chegando ao trabalho, Solange encontra suas colegas, Jaqueline e Sandra. Ambas jovens, mais jovens do que ela. Mas a maturidade e experiência eram suas aliadas.

Por volta de dez e meia surge o primeiro cliente do dia. Homem franzino e bem vestido, talvez uns quarenta e cinco anos.

Logo Solange se apresenta. O homem lhe oferece um cigarro. Mas ela hesita:

Não posso querido, meus filhos não gostam desse cheiro.

Com discrição e sensualidade, ela lhe estende a mão como se o convidasse para dançar. Eles seguem. Andam poucos metros até chegarem ao hotel que fica ao lado. Depois de vinte minutos, mais ou menos, eles retornam.

Solange mais a frente, ajeitando-se. Já o homem, seguindo em direção oposta.

Assim, debaixo de uma árvore centenária cujo nome científico é de causar estranheza, Solange e as amigas repousam. Estão sentadas no banco de uma das mais belas praças da cidade, ilhada por prédios históricos.

E apesar de o jornal ter informado que faria frio, elas acreditam que será mais um dia quente. Um convite aos apreciadores de belas curvas e de bons negócios²⁵.

Muitos aspectos passaram a ser apreendidos cada vez que ocorria um encontro sem pretensões de horário ou posição. Do amanhecer ao entardecer uma constante de passagens se apresentava na afirmação de um lugar particular, resultado das diversas combinações expressivas que ali atuavam. Apesar da rotina de um ambiente urbano esses que passei a chamar de personagens não estavam habituados a uma presença constante, isso se percebia a cada nova tentativa de interação com o espaço da Praça. A mesma pulsão em retornar ao lugar e verificar quais práticas eram vividas foi sendo combinada a uma improvização de escrita que logo depois tomou a forma de um *caderno de escutas e notas*. Este caderno se compõe como parte material da pesquisa servindo como resgate das anotações, escritas e experimentações realizadas na Praça.

A interrogação sobre as práticas que ali se faziam em meio a rotina de trânsito no urbano da cidade demonstrava que os processos de utilização da Praça se davam para fins não só de lazer, mas tinham posturas de improvisação próprias a cada indivíduo que por ali passava. Os chamados personagens, artistas de rua, estudantes, os pequenos animais, as manhãs em tons gris ou as tardes quentes de primavera, interessavam porque dialogavam não só com o ambiente e com indivíduos passantes, mas se colocavam como intercessores potencializados numa escrita literária sob a forma de contos ou tons poéticos, e essa produção rapidamente tornou-se base da interação pretendida com o lugar. A Praça como espaço produtor de intensidades continuava em construção passando a ser fonte de inquietação junto aos processos de subjetivação que se contornavam e atravessavam a investigação principalmente, a

²⁵ Caderno de escutas e notas, 2012.

pesquisadora. Essa produção de intensidades imbricava sentidos e sensações e afectos, estados que potencializavam também novos olhares de um mesmo lugar.

O afecto não ultrapassa menos as afecções que o percepto, as percepções. O afecto não é a passagem de um estado vivido a um outro, mas o devir não humano do homem (...) Não é a semelhança embora haja semelhança. Mas, justamente, é apenas uma semelhança produzida. É antes uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança ou, ao contrario, no distanciamento de uma luz que capta as duas num mesmo reflexo. (...) É uma zona de intederminação, de indiscernibilidade, como se coisas animais e pessoas (Ahab e Moby Dick, Pentasiléia e a cadela) tivessem atingido, em cada caso, este ponto (todavia no infinito) que precede imediatamente sua diferenciação natural. É o que se chama um afecto. (DELEUZE, GUATTARI, 1993, p. 224-225)

A ideia de uma experimentação com a Praça foi de imediato balizada pelas ideias de um campo filosófico a partir das Filosofias da Diferença, contudo, a leitura de Clarice Lispector tornou possível uma aproximação com o campo literário, além disso, a própria experimentação física com o lugar através das experimentações realizadas em meio a muitos passantes moldava os aspectos preliminares de uma investigação.

Desenho essa interação a partir de algumas atenções ao lugar:

Quando o sol acorda
Aos poucos se chegam curiosos
Atentam-se pequenas coisas
Um peixe no lago
Um bocejo rasgado
Abre caminho

Ao meio-dia já se confundem
Pássaros e gente
Passos e rastros dessa gente
Que simplesmente passa

E senta sem dizer
 é posse, é tosse
 experimentando conversas
 selecionando folhagens caídas
 nesses bancos amores se fazem
 e desfazem
 talvez estranhos
 como o vento frio soprando à tarde
 quase sombria

apressados no entardecer
 se desfazem
 essa gente
 esses bichos²⁶

O trabalho se desenvolvia nos entremeios de tempos e escutas. Caminhavam por entre uma diversidade de indivíduos e aspectos, alguns dos quais em distinta relação com o lugar. Portanto, a configuração que se fazia era mais do que uma assiduidade cotidiana, ou um mero olhar atento aos eventos e narrativas, mas sim o que se dá a partir do conjunto desses novos olhares e de uma relação consigo mesmo em termos de potencialidade para desenvolver um processo de subjetivação. Talvez se faça funcionar o exercício de um pensar pela desacomodação, pelos desvios do olhar e pela soltura de linhas que possibilitem entrelaçamentos quando preciso for. De modo que, a partir deste movimento, seja possível refletir sobre o *status quo* determinante de outras posturas, de novas possibilidades de olhar a vida e indagar-se sobre a maneira como nos posicionamos diante de nossas práticas cotidianas. Desses atravessamentos que desviam o olhar e promovem desejos ao instaurar uma vontade de criar, de

²⁶ Caderno de escutas e notas, 2013.

perceber e lidar com as questões que insistem nos provocar (GUATTARI, 2005). Pois bem, neste impulso em problematizar o processo de *formação de si* pela aproximação com as maneiras de fazer²⁷ de um lugar, essas muitas práticas pelas quais os indivíduos se apropriam de um determinado espaço organizado no emaranhado de práticas socioculturais cotidianas. É que busco desvios no olhar que façam pensar a relação do indivíduo consigo mesmo, em uma operação consigo mesmo (Foucault, 2009) atravessados pelos encontros confeccionados na proximidade com a Praça e seus elementos constituintes. Atuante pelas concepções teóricas trazidas nesta relação e exercitando a atenção as questões envolvidas num processo de formação em que estejam implicadas uma atenção as próprias práticas.

As maneiras de fazer de um lugar que se encontram em constante funcionamento ou em movimento compreendem, portanto, um modo para agenciar ideias, pensamentos e escritas subjetivas. Há um caráter constitutivo da subjetividade que não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo (GUATTARI, 2005), desta que se apresenta na capacidade de ser, ver e sentir as coisas a partir da proximidade que vivemos com o outro. Ou seja, é avistar que a subjetividade está colocada dentro de um processo de múltiplos componentes atuando sempre em movimento no âmbito social. E esse processo, que é histórico, se relaciona às maneiras possíveis de desnaturalizar o condicionado e, adotar um ponto de vista diferente sobre essas formas. É o que Foucault chamou de modos de subjetivação resgatando os gregos e suas práticas de “cuidado de si”, passando pela descrição e análise da sociedade disciplinar “Essas investigações tiveram por objetivo conduzi-lo a uma compreensão de como os modos de subjetivação são constituídos e disseminados” (MANSANO, 2009, p.113).

O lugar se compoendo pela conduta de seus habitantes, por seus estilos de viver particulares dentro das regras de sociabilidade impostas é o que dá a ver como esses modos de subjetivação operam. Seguindo essa concepção garante que seja dada uma disponibilidade e uma atenção ao que está nos constituindo enquanto *formação de si*.

²⁷ Segundo Michel de Certeau (2014) “Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuarios se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. (...) Essas práticas colocam em jogo uma *ratio* “popular”, uma maneira de pensar investida de uma maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (p. 41)”.

Daí parte a compreensão de um processo que se dá na alteração das maneiras pelas quais nos percebemos ou no modo como enunciamos o que nos acontece diante do outro e de nós mesmos. Por esse motivo, as impressões dadas na aproximação com o campo de pesquisa filosófico no qual os conceitos trazidos pela filosofia da diferença ajudam a problematizar o processo de *formação de si* dado no encontro com a Praça.



FIGURA 4: DETALHE DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO
JUNTO A RUA XV DE NOVEMBRO

2. Por uma *formação de si*

*Certamente não é possível cuidar de si sem se conhecer.
O cuidado de si é certamente o conhecimento de si.*

M. Foucault

Quando se busca analisar como se forma um indivíduo logo tendemos a lembrar de práticas mais comuns ou tradicionais que envolvam uma atividade pedagógica, familiar ou escolar, em que haja um tempo a ser percorrido, delimitado. Falamos de práticas sistemáticas nas quais são reproduzidos saberes e posturas, em que a constituição de um indivíduo estaria plena e acabada desde que obedecesse a certas regras culturais ou sociais. Os discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, se bem obedecidas preconizariam um indivíduo pleno em suas capacidades mentais e emocionais, um retrato que revela uma concepção que acompanha a história desde a modernidade, e essa tradição recai sobre diversas culturas. Ao chamarmos atenção para esse fenômeno verificamos que as possibilidades de exercício da educação, apontam para propósitos utilitaristas de um mercado de trabalho, por exemplo. Produzindo nos indivíduos uma relação descontextualizada com o seu processo formativo que passa necessariamente pelo lugar da família, dos espaços sociais, das relações de sensíveis, etc. Com isso, a educação deixa de se relacionar junto à vida, apartando os conhecimentos das vivências e dos saberes articulados ao longo da existência.

Em grande parte, temos encontrado nos processos educativos, especialmente na escolarização formal, certas adequações que habilitam o estudante a uma “profissionalização” que atenda as exigências de um mercado capitalista empenhado em promover subjetivações direcionadas ao consumo e a valorização do individualismo. Nessa perspectiva, o interesse pelo “eu” estaria sempre em vigor em detrimento dos laços sociais e das relações coletivas que justamente perfazem a formação do indivíduo. Porquanto a formação do indivíduo não se desvincula da formação coletiva,

pois esses processos se dão sempre no âmbito social. É preciso atentar para os laços de convivência, cada vez mais distantes, onde deixamos de cultivar sentimentos e emoções, mas principalmente, deixamos de prestar atenção ao que nos rodeia no ambiente, nos espaços, nas experiências que temos na vida.

Segundo Silvia Pimenta Velloso Rocha²⁸, essa perspectiva caracteriza-se pelo resultado do “*encontro fortuito com as circunstâncias de uma vida*” tangenciados nas relações que temos e, a partir daí, é que vão constituir os indivíduos.

Não é da ordem da introspecção, mas dos agenciamentos: tornamo-nos quem somos não por manifestar uma essência dada desde sempre, mas pelo encontro com a alteridade, pela forma como assimilamos as experiências, como assimilamos a diferença, como nos transformamos no embate com as circunstâncias (2006, p. 272-273).

Como afirma a autora, as relações que temos não constituem individualmente, mas coletivamente, na relação com o outro. Nas relações que estabelecemos com as circunstâncias da vida atravessadas pelas forças e tensões produzidas nesse processo. Portanto, a ideia de uma *formação* se encontra em processo permanente e não deve ser entendida como o alcance de uma meta final, com fins utilitários, mas como um processo permanente de “inventar” a si mesmo diante das relações que se dão no encontro com os outros, com as coisas, com as palavras. Credita-se a essa experiência a ordem de uma *transformação*, ou seja, dar condições para que haja constante criação: a formação como transformação, como devir, movimento de criação. “No primeiro caso, o objetivo do processo é conduzir a um sujeito constituído, ao passo que no segundo caso o objetivo é destituir-se de toda ‘subjetividade’” (ROCHA, 2006, p. 268).

²⁸ No texto *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*, Rocha propõe, a partir de Nietzsche, pensar a relação entre “formação” e “transformação”, refletindo sobre o que seria uma concepção imanente da educação. A partir do questionamento *Como tornar-se aquele que se é?*, a autora propõe problematizar o conceito de “formação” em Nietzsche, onde há uma recusa ao conceito tradicional de “sujeito”. Cf. ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel; PINHEIRO, Paulo. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim falou Nietzsche. Rio de Janeiro: SP&A, FAPERJ, UNI-RIO; Brasília: CAPES, 2006, p. 267-278.

Neste contexto, um tratamento filosófico foi dado por diversos autores, entretanto, o que nos interessa neste momento é trabalhar segundo o pensamento de Michel Foucault. Especialmente porque esse autor se aproxima das ideias acercadas por esta dissertação quando entende que a formação de um indivíduo não cessa, mas continua em movimento. Não molda ou o define, mas passa por diversas transformações em que a história e os processos de subjetivação são importantes.

O autor consagrou o período imperial greco-romano como parte importante da relação com as práticas de si. Esse é um período onde essas relações se articulavam a um modo de existir e agir dependentes, em que havia um trabalho constante não somente sobre os atos e as condutas, mas precisamente sobre o pensamento. A escrita, tanto o quanto possível, assim como a leitura funcionavam como um exercício racional na elaboração de discursos e no processo de subjetivação daquele contexto histórico. Tratava-se de constituir um *logos* enquanto palavra escrita, verbo e razão, e um *ethos*ⁱⁱ pelos hábitos e crenças, ao mesmo tempo, se deveria atentar para a importância da cidade ou *polis* em relação à conduta de cada indivíduo.

Ao colocar em questão as formas como os indivíduos conduzem suas vidas em determinadas sociedades Foucault estabeleceu ensaios de seu próprio ato de pensamento em que interrogava sua própria experiência. Problematizar a si em relação ao mundo e aos outros era, portanto um exercício filosófico.

A problematização da vida, quando colocados em jogo diversos criterios, dentre eles a relação com os saberes, com o aprender e com o reconhecimento da própria conduta diante das normatizações/desnormatizações cotidianas articula-se com a ideia de uma *formação de si* que passa certamente pelos modos de subjetivação enquanto processo histórico²⁹. Eis que podemos perceber nesse jogo caracterizações definidas pela cultura de uma sociedade e pela maior ou menor abertura a outras culturas e suas referências. São essas interferências que podem incorrer ao reconhecimento das diferenças que nos cercam, e modificam nossa maneira de perceber o outro e a nós

²⁹ A formação de si, em suma, pode ser analisada em sua constituição histórica, em sua singularidade e em sua contingência, a partir de uma arqueologia das problematizações e de uma pedagogia das práticas de si. E o que aparece agora como “peculiar”, como histórico e contingente, não são já apenas as ideias e os comportamentos, mas o ser mesmo do sujeito, a ontologia mesma do eu ou da pessoa humana na qual nos reconhecemos no que somos (LARROSA apud SIVA, 1994, p. 43).

mesmos. E outras tantas imposições que são consideradas importantes, quer para a constituição, quer para a transformação de si (FOUCAULT, 2012, p. 94).

O conceito de formação humana, ou do homem na contemporaneidade, foi sendo atribuído pela moderna determinação de um ideal de sujeito capaz de reunir uma natureza sublime com certos fundamentalismos religiosos e culturais forjando a esse mesmo indivíduo uma identidade. Nesse sentido, entram em evidencia outras maneiras de conceber esse conceito de formação quando se reconhece a inauguração de um pensamento voltado à consciência de si e a um processo de transformação nas subjetividades que é próprio de cada período histórico em cada sociedade. Falamos de ideias que foram trabalhadas nas Filosofias da Diferença, em especial Foucault é quem nos faz essa abertura quando retoma estudos sobre os gregos e os cristãos trazendo a luz desses estudos a nossa própria história. Porquanto o que realmente importa verificar é o presente percorrendo e entendendo nosso passado.

A formação entendida como 'dar forma a', nada tem a ver com o pensamento descrito aqui. E sim, reconhece-se uma prática que necessitaria de uma disponibilidade e uma atenção a si mesmo. Conhecer a si mesmo intenciona um movimento para si mesmo, um desvio no olhar, para então possibilitar o conhecimento que se tem do outro. Este encontra, porém, a condição de um cuidado que vai além do saber. Numa relação de forças que vai do poder que temos ao poder que é exercido sobre nós, e esse poder é sempre uma instância dessas relações que se interpõe por entre os saberes e o conhecimento produzido historicamente.

Porquanto é permitido analisar que, assim como o poder e o saber se constituem em processo histórico, a formação se constitui por um processo de compreender os próprios caminhos. Ela se propõe sistemática como nas narrativas históricas e, então, podendo ser reinventada ou mesmo, repensada. O sentido dessa formação individual admite um trabalho processual, um exercício e uma constante dentro de uma coletividade quando equivale a uma atitude que não pede isolamento ou confinamento, pois está a todo o momento sendo atravessada pelas influências do meio social. Por isso, o caráter constitutivo de uma formação seja ela individual ou coletiva transforma-se na experiência que se tem com o meio e suas relações subjetivadas. Uma

subjetivação que não apresenta um sujeito pessoal, mas sim o caráter de uma interlocução com as coisas do mundo³⁰.

*Cores úmidas
Doses de encanto
Doses de espanto
Estranhamento*

*Não dizem nada
que lugar é esse
lugar de ninguém
lugar de também*

*todas as esquinas
caminhos incompletos
ruas sem nome
que lugar é esse³¹*

Deleuze (2005) dirá que a subjetivação continua a se metamorfosear mudando seus modos de produção. Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas (p. 111). Sempre em processo. Um olhar para si mesmo requer, então, uma atitude

³⁰ Se existe sujeito, é um sujeito sem identidade. A subjetivação como processo é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários. Existem muitos tipos de individuação. Há individuações do tipo “sujeito” (é você..., sou eu...), mas há também individuações de tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha... Não é certeza que uma vida, ou uma obra de arte, seja individuada como um sujeito, pelo contrário. (DELEUZE, 1992, p. 147).

³¹ Caderno de escutas e notas, 2014.

ética como analisava Foucault, mas requer uma atitude que nos permita desviar, mudar de direção. Abandonar uma ideia para então criar outra. Uma *formação de si* que atenta para outras direções mesmo quando preciso enfrentar resistências, desprende-se de um pragmatismo para então colocar em questão o ver, o sentir, o pensar, o estar. Enfim, são as pequenas interferências nessa naturalidade já disciplinada do dia a dia, pequenos espaços de liberdade do pensamento.

Trata-se de uma *formação de si* com a ideia de aprender com a vida. Cada um vivencia seu caminho ou descaminho e, assim, vai conhecendo a si mesmo. O conhecer-se enquanto exercício de formação implica indagar as formas e as modalidades de relação pelas quais o indivíduo se constituiu e ainda se constitui. Embora o percurso seja individual, os sentidos que se dão estão em funcionamento mediante uma fricção da relação com o mundo e com o outro. E assim sendo, serão desnaturalizados enquanto as relações que escolhemos estabelecer com um lugar, por exemplo³².

*Extremosa junto a XV dá-se a primeira entrada
enquanto Guarapurú espera a rua Anchieta,
Tapiá-Guaçu contornando a Félix bem junto a Palmeira da Princesa.
Quantos Jacarandás a circundam e se confundem com os Ciprestes
Coripas quase caídas enfeitando a Lobo da Costa
chegam bem perto da sua derradeira entrada
Acostada de Pau-Brasil, um monumento a desenha
em tons de verde quase cinza...*³³

³² Trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte. Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles (DELEUZE, 2010, p. 120-121).

³³ Caderno de escutas e notas, 2014.

A relação com a Praça compreende as maneiras de ser e estar que coexistem com imposições em diversas instâncias da vida, sejam elas de comportamento social ou cultural. Contudo, essas imposições podem ser problematizadas na medida em que se é capaz de percebê-las como parte do processo de *formação de si*.

Quanto a uma dimensão que alcance a área de Educação este trabalho pretende considerar o processo de formação, mais especificamente as teorias e práticas envolvidas nas questões pedagógicas³⁴ pelas quais se modifica e constrói a experiência que os indivíduos tem de si mesmos.

Nesse entremeio do já formado com o que está em formação, se desenvolvem saberes possíveis, permitindo que enviesemos os caminhos ao buscar novas possibilidades de fazer-se no proceso, ainda que esses caminhos pareçam tortuosos. Entendendo que nesse processo não há garantias, que não há fórmulas definidas e nem totalidades, mas uma atitude que desnaturaliza o pressuposto. Buscando-se novas relações com o já dado, com o presumido e com o legitimado em várias instâncias da vida onde as subjetividades se imbricam inevitavelmente. Não há como frear esse movimento, no entanto, esses efeitos não devem ser tomados apenas como nefastos aos processos de subjetivação, pois cabem como potencializadores de uma mudança. O fazer diferente deveria ser precedido de um movimento de pensar diferente. Como invenção de outras possibilidades de se perceber nesse processo. É então atualizar um processo de avaliação e transformação de si.

³⁴ Um dispositivo pedagógico será, então, qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Por exemplo, uma prática pedagógica de educação moral, uma assembleia em um colégio, uma sessão de um grupo de terapia, o que ocorre em um confessionário, em um grupo político, ou em uma comunidade religiosa, sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas (LARROSA apud SILVA, 1994, p. 57).



FIGURA 5: UM DOS BANCOS DA PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

2.1. Ensejos e desejos de uma escrita

*Escreve-se para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada,
para traçar linhas de fuga.*

G. Deleuze

Esta dissertação dedica-se a aproximação com a literatura por entender que este campo é capaz de incitar a invenção e a criação, ao admitir que sejam dados diversos sentidos as palavras e por meio delas abrir-se a experimentações intempestivas. Essa aproximação revela um gosto especial pelas narrativas poéticas em que a criação e a imaginação implicam um trabalho do pensamento. Nesse sentido, as maneiras de fazer com a escrita me provocavam, a poesia aproximava esse exercício buscando um *dispositivo ótico*³⁵ das imagens presenciadas na Praça, este dispositivo nada mais é do que “uma maneira de ver as coisas”, um modo particular, pessoal. Assim os desvios no olhar se apresentavam como uma escrita que se desenhava na articulação entre o campo de pesquisa teórico e a interação com o lugar da Praça. Filosofia e literatura cambiavam diferentes formas de se perceber um mesmo espaço, a contiguidade fecunda mobilizava o exercício da escritura e fazia romper com concepções já dadas, como exercitar uma escrita de si mesmo. Reinventando-se, instigando-se a criar.

Chegamos neste ponto para examinar especificamente como a escrita de si pôde contribuir para esta pesquisa. Tendo-a como estratégia de abertura e produção nos caminhos trilhados na pesquisa. Mais precisamente, trazendo-a como possibilidade nas estratégias inventivas que emergem ao longo da experiência investigativa. Com relação ao tratamento metodológico, a pesquisa apontava sempre para uma experimentação e a escrita tratou de dar suporte a este procedimento. Também as fotografias trazidas neste trabalho desempenhavam uma estratégia de apreensão pelo olhar enquanto funcionamento de um dispositivo ótico. essas imagens foram sendo dispostas ao final

³⁵ A proposta de criar um dispositivo ótico - tomando como exemplo o *dispositivo de percepção* em Foucault (2009a) - incorreu pela aproximação com a ideia de um *desvio no olhar*. Ao requerer para a pesquisa um procedimento mais aberto e, ao mesmo tempo, mais inventivo que pudesse capturar as impressões dadas na Praça e transformá-las em escritas poéticas.

de cada capítulo para dar a impressão de uma pausa ao olhar. algo como estar a espreita. a junção entre imagem e escrita poética revela mais uma experimentação expressiva com o lugar.

A escrita que encarna este texto está presumida de devires (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que instigam um vir a ser atuante no plano de pensamento, mais do que uma prática discursiva ou uma técnica. Procurou-se com a escrita estar na ordem de uma produção filosófica em que se experimentam conceitos, se engendram ideias e se deixam atravessar por um procedimento infinito de diferenciação. É a desacomodação incessante criando espaços de existência, propondo soltura de linhas e operando como instauradora de novas possibilidades. A expressão da escrita espalhava-se pelo trabalho sem medida de cores ou materiais, mas atuava nos modos de um fazer criativo do qual a composição das palavras fazia liberar o pensamento.

*O silêncio que páira é apenas das vozes
pois os corpos continuam a falar em seu íntimo
sem que os atores estejam no mesmo ato, cada um com seu papel
Transitam...
Respiram. Andam. Bocejam. Falam. Coçam. Rezam. Olham. Leem.
em seu silêncio os roubei
roubo suas vozes. Cores. Movimentos. Cheiros.
Transcrevo-os³⁶.*

³⁶ Uma produção de sentidos e percepções se configurava durante o percurso de investigação da biblioteca pública, onde a escrita se fazia componente. E é também a partir dessas intensidades que uma atenção foi dada ao exterior desse espaço que lhe implicava uma proximidade, a Praça. Cf. RODRIGUES, Viviane Costa. COMPOSIÇÕES DE UM SILÊNCIO: Sensibilidades possíveis no espaço das palavras. 2013. 21 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2013.

O processo de pesquisa logo de início exigia que a aproximação com uma escrita poética fosse dada, pois havia leituras de Barthes, de Clarice, de Calvino que enxertavam um estímulo a esse exercício prático, com a literatura especialmente. Ao mesmo tempo, foi preciso dar expressividade as linhas escritas que se compunham em diversos momentos dessa interação, ao tratar a pesquisa com os procedimentos necessários a sua posterior análise. A partir daí, procurou-se cartografar as pistas delineadas nos encontros com a Praça³⁷. Em meu *caderno de escutas e notas* apareciam escritas, essas eram fortuitas, instantâneas, sem qualquer medida de duração ou tamanho. Boa parte delas produzida durante o dia sendo o horário mais interessante ao trabalho aquele em que se verificava um fluxo maior de passantes na Praça. Do início ao final da tarde é que as impressões analisadas eram consideravelmente ampliadas acompanhando outras dimensões produzidas na cidade.

Em Clarice Lispector (1982) encontrava um olhar que se exercitava no habitar a casa, a rua, a cidade comunicando-se com os espaços em meio ao silêncio e a vigília. Eis o misterio de esposar que se mostra, de esforçar-se para apalpar as coisas vistas no modo de recortar o objeto da casa, da cidade, dos habitantes. O que se inquieta diante das impressões da cidade, e que, a partir dessas impressões, a habitante Lucrécia Neves tenta sitiá-la, buscando por formas de capturar a sua maneira para torná-la sua.

Lispector, em especial, traduzia um pouco da dimensão dessa pesquisa na captura e reinvenção da cidade porque revelava uma inquietação próxima daquela que vimos pela Praça, quando propõe-se enxergar um lugar em aspectos muito particulares:

Em breve ela desvairava um pouco, sonhava em andar sozinha com um cão e ser vista sobre o morro: como o postal de uma cidade.

Lucrécia Neves precisava de inúmeras coisas: de uma saia quadriculada e de um pequeno chapéu da mesma fazenda;

³⁷ Segundo Kastrup (2010): “As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hodos-metá* da pesquisa (p. 13)”.

*há tanto tempo precisa se sentir como os outros a veriam de saia e chapéu quadriculados, a cintura bem nos quadris e uma flor na cintura:
 assim vestida ela olharia o subúrbio e este se transformaria. Com um cachorro.
 Era deste modo que se compunha uma visão. A moça não tinha imaginação mas uma atenta realidade das coisas que a tornava quase sonâmbula;
 ela precisava de coisas para que estas existissem (LISPECTOR, 1982, p. 38).*

Retomando a ideia da autora, o próprio olhar vem a ser um dispositivo ótico ou máquina de ver um lugar, uma situação, um recorte de vida em que a criação é combustível. Com a literatura enquanto tensionamento dos impulsos de uma escrita, nas dimensões de uma formação de vida, pela combinação das coisas do mundo. A junção da escrita com um inquietação provocada no ato de um pensamento fez reconhecer um exercício pessoal apresentado na captura das sensações vividas pela investigação. Denominamos esse exercício como um *dispositivo ótico de impressões*³⁸ possibilitadas pelos desvios no olhar, algo que Foucault (2012) reconhecia como reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si (p. 145). A escrita desses movimentos interiores tratada no *caderno de escutas e notas* pode dar pistas à elaboração de uma prática e expressividade a um conjunto de percepções que se apresentavam.

Sabe o que diz da graça que tens?
 no dia da tarde de ontem
 já revelava o teu encanto
 quando os sons entoavam
 de outras portas
 e poderiam revelar-te outras graças
 revelou-se o teu nome

³⁸ O dispositivo ótico de impressões está descrito no capítulo 3.1 sob o título de “*Impressões óticas descritas no período de 2012 a 2014*”.

com grande efeito
as extremidades aceitaram o teu encontro
breve
passageiro
mais uma vez se perdia
na tua graça
janelas abertas deram a ver tuas cores, teus atores
distantes uns dos outros
perto de ti
a natureza é clara
como o dia que te acompanhas
maldita noite que chega
e te esconde
para somente amanhã
deixar ver
a tua graça novamente³⁹

³⁹ Caderno de escutas e notas, 2014.

2.2 Texturas de um pensamento

*Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar,
e a experimentação é sempre atual,
o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer.*

G. Deleuze

Iniciamos este apartado colocando em questão uma citação como estratégia de que Deleuze já falava, e do qual está posto em funcionamento neste trabalho. O pensamento exercido pelo acaso que se atualiza pela tensão de um descuido ou afetamento.

É na perspectiva dessas marcas deixadas pelo acaso de encontros que a presente dissertação se apoia, deixando-se violentar pelas impressões dadas no cotidiano de um lugar onde se produzem diferentes relações. Enquanto as linhas de composição se iam entrelaçando, alguns sentidos interessavam à pesquisa como os cheiros, um vento soprado, um gesto, a contingência dos corpos, enfim, o que compunha a Praça.

Em especial, na obra *Proust e os signos* Deleuze (2010) dá pistas de como uma teoria da emissão dos signos revela o modo como podemos aprender. O aprender vem a ser mais que uma relação de um aprendiz com os saberes, com o conhecimento, revela-se como tentativa de perceber a si mesmo enquanto indivíduo em constante formação. A imprevisibilidade do ato de aprender conforme, explica o autor, demonstra como o aprendizado está para além de uma simples relação de pedagogia institucional, é mais do que isso, o aprender é algo diferenciado para cada um, é contingência, exercício. Não há modelos, pois há sempre uma singularidade. É da ordem da vida.

A concepção de que não é possível saber como alguém aprende desenvolvida por Deleuze na obra *Proust e os signos*, no capítulo “A imagem do pensamento”. Nele o autor defende a teoria de que o pensamento não é por si só voluntário, mas que é forçado sempre por um signo. Um signo não representaria as coisas reconhecíveis do mundo, não é representativo a nada nem a ninguém. Mas sim, um signo abrupto de

algo estranho ao pensamento. Uma estranheza, um intempestivo, um acontecimento⁴⁰. Como algo que entra no campo de percepção e nos força a decifrar, aprender, neste caso, a problematizar o que se vê. Em sua análise desenvolvida sobre a obra de Proust, Deleuze irá considerar *Em busca do tempo perdido* um sistema constituído por várias espécies de signos portadores de mundos particulares vividos pelo indivíduo:

“O signos mundanos implicam principalmente um tempo que se perde; os signos do amor envolvem particularmente o tempo perdido. Os signos sensíveis muitas vezes nos fazem redescobrir o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido. Finalmente, os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original absoluto que compreende todos os outros (DELEUZE, 2010, p. 23)”.

Quando nos encontramos com um signo, com a contingência de uma força, decorre o ato de pensar. Como diria Deleuze, só se pensa porque se é forçado a pensar (DELEUZE, 2010). E aprendemos quando pensamos. Nesse sentido, a noção de um aprender não é mera reconhecimento, mas sim, uma criação que passa pela implicação de signos emitidos em nossas relações e de como estes mesmos signos materializam as coisas do mundo. No encontro com esses signos.

O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural, é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas (DELEUZE, 2010, p. 91).

Deleuze revela uma dimensão maior do que aquela que se pode compreender como pensamento, na medida em que apresenta e analisa os diferentes tipos de signos, entretanto, para o autor entre o ato de pensar e o pensamento não há relação intrínseca. O pensamento afina-se com algo é somente com a reconhecimento, pelo modelo da representação e, ao contrario, o ato de pensar implica um diferente funcionamento das faculdades. É precisamente o signo que é objeto de um encontro e é ele que

⁴⁰ Para Deleuze, um acontecimento decorre num “entre-tempo” como “espera e reserva” (1993, p. 203-204). Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. (1993) O que é a Filosofia? Rio de Janeiro, Editora 3.

exerce sobre nós a violência. O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado (DELEUZE, 2010, p. 15).

Pois bem, se como já foi dito aprendemos quando pensamos, então, pensar e aprender andam juntos e estão interligados, assim como pensar e criar. Portanto, ao instaurar novas formas de pensamento estaremos aprendendo e, ao mesmo tempo criando através de signos. Essa busca em perceber a si mesmo diante da problematização de uma formação que vai além do acadêmico não foi somente descoberta de soluções, mas um aprender a problematizar, um aprender a insistir e um aprender a criar.

O que atualiza, portanto, o ato de um pensamento é justamente o exercício de criação. Aquilo que o indivíduo se propõe a traduzir na problematização do que já está dado. A invenção se dá na tradução desses afetos, atribuindo significados relacionados ao saber e a maneira de viver de cada um.

A Praça e suas composições se constituem, neste trabalho, como signos e afecções disparadores de intensidades. As afecções⁴¹ são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre o outro quando de um encontro (DELEUZE, 1997, p.156). Na medida em que esses encontros se apresentam, liberam componentes de combinação e de mutação. Este é o sentido que percorre este trabalho quando se percebe na aproximação com a Praça múltiplos sentidos introduzindo aí ideias que se cruzavam com outras que estavam comigo. Ou melhor, as afecções ou signos emitidos ao acaso foram tomados como componentes de um ato de pensamento a constituir-se por uma reorientação do que já estava dado, pela problematização de uma relação de si com a relação de um ambiente.

É notável lembrar que na abordagem teórica de Deleuze e de Foucault são reveladas muitas maneiras de superar ideias já postas. Eles nos mostram, com certa advertência, como liberar-se daquilo que impõe determinações fixas, ao que cristaliza nossas ideias e modera nossa percepção do mundo. A fixidez no eu, nas

⁴¹ Afecto e afecção se implicam, mas o afecto é passagem de um estado a outro e, a afecção, por sua vez, é o próprio estado que se dá em um corpo como efeito-signo da presença de outro corpo. A afecção é a afirmação de um corpo sobre outro e também efeito que um corpo produz sobre outro. Nesta relação, a afecção não explica e nem envolve, portanto, não expressa a natureza do corpo afetado e, isso quer dizer, profundamente, que a afecção não envolve as singularidades deste corpo e, tampouco expressa as singularidades do corpo afectante. (Cf. DELEUZE, 2002, p.83)

representações, nas ideias feitas seriam então a imagem que impede ao pensamento, o criar, o problematizar. Para René Schérer (2005):

O pensamento de Deleuze consiste em liberar todo o pensamento daquilo que o entrava e o deforma. Impulso de liberação, de desembaraçamento, igualmente válido naquilo que chamamos de prática da vida cotidiana ou na política: desembaraçar-se das divisões e regras artificiais, dos poderes, das instituições, dos impedimentos, das representações, das ideias feitas, dos clichês; de tudo que desvia e bloqueia os processos postos em movimento (p. 1185).

Sem dúvida, o que narra à concepção de Deleuze vem a ser bem mais do que mero desembaraço, mas sim, atentar para como resistir às estratégias de normalizações que nos são cotidianamente imputadas. Nisso ele retoma, sobretudo, as ideias de Michel Foucault, que ponderou falar da constituição do pensamento histórico. Atrelado às práticas de existência em diversas sociedades, o pensamento nas ideias deste autor está marcado pela sua constituição e fabricação históricas.

Observemos com entusiasmo esses dois autores para apreender as ideias que os aproximam. Em especial, quando tomamos a noção de aprendizado e de aprender eis o que esses teóricos simultaneamente apontam para as questões do que nos constitui, do que está sempre em movimento fora de nós e que em certa medida nos atravessam. René Schérer (2005) caracteriza este ponto em comum aos autores da seguinte forma:

Grande ideia deleuziana, grande fórmula do aprendizado segundo Deleuze: as ideias não estão na cabeça, mas fora de nós. Elas não estão dentro, mas fora. Predominância do fora; sempre como em Foucault (p. 1187).

Um vir a ser que compõe um desassossego, uma desacomodação incesante com o “fora”. A partir dessas discussões, retorna-se a questão de como se pode conjugar as maneiras de viver com as formas de olhar para si mesmo, numa atenção a si mesmo como possibilidades de aprendizado na vida.

*O pensamento (des) abotoa suas vestes, trajando outras roupagens
quer ser alteridade de mim
Um outro em mim
para mim
Abre-se ao sensível
ao não visível
Ao não pensado
e quer ser escrita
Escreve... escreve...e
Escrita-me⁴²*

⁴² Cf. RODRIGUES, Viviane Costa. COMPOSIÇÕES DE UM SILÊNCIO: Sensibilidades possíveis no espaço das palavras. 2013. 21 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2013.

3. Olhares de si

Porque agora parecia ter enfim atingido em si o máximo das coisas tranquilas sob o olhar.

Clarice Lispector

Romper com ideias fixas, com impedimentos, foi tarefa presente nesta dissertação. Para tanto, Deleuze, Foucault e também Clarice trouxeram uma gama de possibilidades para produzir novos sentidos e novos olhares, desvios. O pensamento posto em criação rompia com a passividade de atitudes habituais, entre as quais: caminhar pela cidade sem perceber os aspectos de sua estrutura arquitetônica; ignorar as intervenções urbanas artísticas, em especial, inseridas na sua paisagem; desviar de pessoas e animais marginalizados, etc. E o que produzia novos olhares favorecia não apenas esse rompimento, mas engendrava novos aspectos de uma atenção a si mesmo. Enquanto se movimentavam composições visíveis e invisíveis havia um processo de interlocução entre a escrita, a Praça e o pensamento. Um olhar que esteve à espreita espiou a Praça a inventar sentidos para além de uma mera observação do lugar. Mas o que então foi inventado? Será que eu me inventei?

Estas indagações encontram, certamente, ressonâncias com a vida desta pesquisadora. Acredito que a possibilidade de reinventa-se a partir de uma problematização do ato de pensar trouxe condições de uma inflexão subjetiva na recepção de novos aspectos, novos sentidos. Uma atenção a si mesmo nesse movimento já exigia um ato novo, fornecendo outras percepções ao que estava dado. A disponibilidade em atuar junto ao lugar da Praça, em meio a outros passantes denota um comportamento diferente a ser exigido. Foi preciso desprender-se de certos convencionalismos, certos cuidados com a própria imagem, pois, estive em diversos momentos sendo observada quando realizava algumas experimentações. Esses cuidados estavam na ordem de uma imersão na paisagem deste lugar aberto, propício a exposição visual e ao contato tátil com seus elementos.

Por diversas vezes, expuz minha imagem ao fotografar pessoas, pequenos espaços, animais e plantas. Continuei-me a expor quando olhava cada passante atentamente e, assim, buscava descrevê-los em escritas no caderno de escutas e notas.

Talvez a proposta de invenção estivesse acompanhada dessa disponibilidade em atender as práticas de uma investigação, mas era latente a busca pela criação e pela problematização de conceitos. Tudo isso atendia a uma insistente aposta na produção de sentidos que a experimentação com a Praça potencializava. Os elementos trazidos nessa aproximação com o lugar diversificavam-se em outras relações com o espaço físico, natural, com o passante percebido e, ao mesmo tempo, que te observa. Com uma produção de escrita surpreendentemente casual, mas reveladora de uma sensibilidade pessoal. Mesmo quando entendemos esses elementos, de tal perspectiva, trazidos pelo contexto em que se encontrava um tipo de formação, havia a experimentação de conceitos e novos dispositivos de intervenção acompanhando o movimento de produção de subjetividades e isso já emprestava ao exercício de invenção novos acordes.

O que então foi inventado? Estratégias que pudessem fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça, pelos encontros que ela reservava se deu a invenção de uma escrita. o que ocorreu junto a uma escrita enquanto possibilidade de dar a ver deslocamentos, movimentos, afetos, osextratos que resultam das afecções que ali se manifestavam.

Captar estes encontros através dos *desvios no olhar* e depois, na criação de um *caderno de escutas e notas* possibilitou uma abertura ao sensível. O ato de pensar não permaneceu apenas nas coisas vistas, mas buscou operar na produção de uma subjetividade.

Pensar é primeiramente ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo (DELEUZE, 1992, p. 124).

E será que eu me inventei? Posso dizer que sim. Destituída de algumas ideias prontas, uma nova prática de si estava sendo engendrada. Quando coloquei em questão minhas concepções e posturas diante do imprevisto a partir de minha exposição na Praça e da possibilidade de afecção com um lugar que, a princípio, era apenas um lugar de passagem. Foi na experimentação com a Praça, nos bons e maus encontros que tive com ela, que naturalmente se produziam elementos sensíveis com a sua natureza, com os outros e com as impressões dadas nessa interação.

Um olhar criativo se empenhava em apreender elementos que pudessem dinamizar essa relação a partir das experimentações realizadas e percebia a necessidade de dar expressividade a esses elementos. Mas como fazê-los? Como dizê-los? Pois nessas interrogações é que encontrava um exercício de invenção. A necessidade em buscar respostas, ao incitar problematizações com os conceitos estudados, ao rabiscar as primeiras escritas. O que tomava corpo de uma invenção se constituía sobre um pensamento que perguntava a si mesmo, que problematizava a própria formação e que interrogava as forças catalizadoras de uma criação. Estratégias para uma escrita, a partir da criação e da invenção potencializavam as maneiras de ver a si mesmo na relação com o mundo e com as palavras.

Corpo fragmento
Corpo erótico
Corpo controlado
Corpo impedido
Corpo movimento

Corpo curioso
Corpo escuta
Corpo vê
Corpo experimento
Corpo outro
Corpo meu⁴³

⁴³ Caderno de escutas e notas, 2014.

A tentativa de criar um *dispositivo ótico das impressões* verificadas no exercício de olhar fez alargar as linhas dessa tessitura. Creio que a escrita fez funcionar o que usei chamar de *desvios no olhar*. Como desvios que possibilitam tomar novos caminhos deixando-se atravessar pelos acasos dos encontros.

Retomando a problematização que atravessou este trabalho em que perguntava: como fazer funcionar o pensamento que se articula com a Praça? Penso que reinventar-se enquanto movimentavam sentidos e superfícies de si mesmo, escapava às significações e determinações, instaurando novas possibilidades de diferença. O fazer-se diferente na fricção da relação sensível com o lugar da Praça fez movimentar ideias e sentidos antes despercebidos. Uma escrita que se produzia dava cor ao pensamento quando esse era forçosamente instigado e afetado nesta relação.

Esse modo particular de ver e olhar foram mediados pela invenção no cotidiano da Praça. Parece que, com a interação com este espaço, foi possível um pensamento que instiga a possibilidade de uma formação que tome conta da vida, a formação que alerta aos desníveis de uma superfície em constante produção, que não se estagna, nem solidifica. É sempre uma ideia de criação e possibilidade de diferença, assim como nos dizem os interlocutores deste trabalho. De um olhar ou desvio de um olhar que exprime uma atenção a si e ao que está aí constituído enquanto possibilidade de dar à diferença. Uma prática que permite a construção de uma singularidade onde há sempre um movimento que se compõe pelos devires em disponibilidade.

Beneduras em “gerais” assim respondia escrevendo promessas ao vento, no papel branco em letras miúdas e tortas

Com altivez e coragem, forçado pelo tempo, necessidade da vida, sustento e pagamento. Uma reza lhe dava o lugar.

Adão Miranda, qual nome não me deixa esquecer, quando pude ver a sua velhice carregada de juventude e sabedoria,

Talvez o tempo das horas deste dia fosse dizer, se ele poderia, seguir o risco da cidade

Fragilidade aparente, resistente. Vem de longe, muito longe de tanto barulho, tanto murumúrio, tanta pressa

O Cordionista

O Trabalhador

Seguindo a alameda muito cedo de uma manhã fria

Deitava suas vestes nos bancos por ali e apresenta seus instrumentos

documentos

lugar sem dono

nalgun tempo buscando outras coisas, na tentativa de olhar as coisas de sobrevôo pela praça

deixo-te passar no esquecimento

para nunca mais vê-lo⁴⁴

E, se a busca por combinações traçadas até aqui, entre o pensamento e os encontros, remetem a uma *formação de si*, elas estão implicadas com as exigências colocadas na junção entre os saberes docentes e as concepções teóricas estudadas até o momento. É de um processo que estamos falando, algo que está sendo atravessado de outras formas, em outros lugares, **por outras relações de poder e saber. Pois a relação consigo não pára de renascer em outras formas (DELEUZE, 2005) e** em outros devires. Sempre em construção, esses devires se apóiam no movimento de uma ordem transversal “entre” meios e direções cambiantes. Em outras palavras, a relação que se estabelece consigo tem múltiplos ângulos sendo-lhe atravessados no convívio social, no cotidiano de uma sala de aula, no ambiente de trabalho, na cidade, na família, etc. Uma formação está sempre em processo, seja ela coletiva ou individual, esboçando concepções e posturas de acordo com o contexto imbricado de mecanismos subjetivadores.

É preciso colocar, então, que a subjetivação, a relação consigo mesmo e o mundo, remetida a uma *formação de si*, encontra-se em conformidade com os processos de modificação, transformação a que estamos submetidos invariavelmente. Mas há uma razão para acreditar na possibilidade de reinventar-se nesse proceso,

⁴⁴ Caderno de escutas e notas, 2014.

apesar das imposições reguladoras mais ou menos visíveis. Que seja possível envergar uma vara e soltá-la para que nesse movimento se percebam diferenças.

A disponibilidade para a experimentação com a Praça potencializava uma atenção aos signos e afecções confeccionados nos encontros. O afetar-se assumia, em cada coordenada da investigação, o abandono a um olhar presumido de naturalidades passando a compor outro olhar desviado, regido por uma abertura ou curvatura a si mesmo. Ao se perguntar como uma *formação de si* pode se dar nesta dimensão, algo de novo se instaurava na mesma medida fazendo vigorar outros olhares de si.

3.1 Algumas capturas, experimentações e reverberações

E a cidade ia tomando a forma que seu olhar revelava.

Clarice Lispector

Durante o processo de investigação exercícios de interação a partir de algumas experimentações com a Praça foram realizados. Junto ao processo de escrita, coletei papéis descartados como lixo e que poderiam ser reutilizados na forma de papel reciclado⁴⁵. Verificava-se que, ao final dos dias espalhavam-se por toda a extensão da Praça restos de alimentos, embalagens de todo o tipo, garrafas e muitos detritos orgânicos dos cães de rua. Este cenário se acentuava especialmente nos finais de semana e em ocasiões de eventos.

A proposta consistia em coletar material adequado em quantidade suficiente para uma produção artesanal. Porém, muito do que foi continuamente descartado pelos frequentadores da Praça não poderia ser utilizado devido estar inadequado a essa atividade por conterem resíduos, sujeira e, ainda, não serviriam por conter material impróprio à reciclagem.

A ideia de coleta de papéis foi trazida a pesquisa por acreditar que se fazia necessária uma concretude material ao trabalho, já que falávamos de uma produção de sentidos. Por isso mesmo, algumas ideias como interação, intervenção e mediação se tornaram recorrentes neste momento, trazendo mecanismos que se acreditava contribuir para discussão e problematização dos processos de subjetivação implicados nessa experiência.

Nesse sentido a ideia de uma coleta disparava movimentos compreendidos neste trabalho como uma variante contribuição de investigação, e essa contribuição de

⁴⁵ A produção artesanal de papéis reciclados foi realizada em todas as etapas e os instrumentos utilizados foram confeccionados pela própria pesquisadora; tendo sido demonstrada enquanto processo através de imagens inseridas no projeto de pesquisa para o momento da qualificação.

perspectivas eram tecidas na articulação de experimentações e problematizações teóricas em confluência com os modos de subjetivação produzidos na praça.

O que instigava problematizar o processo no qual se dá a noção de *formação de si* tinha a ver com um exercício de pensamento, em algumas doses provocadas pelas teorias filosóficas estudadas, pela atenção as questões políticas, culturais, ambientais e sociológicas. Sentia-me provocada por essas questões e percebia minha formação docente comprometida com a educação enquanto pudesse contribuir para uma inquietação constante através de uma postura pessoal e profissional atuante e indagadora, inquietações que viabilizam pensar a própria formação em sintonia com as questões da atualidade que pudessem se apresentar ou dinamizar a relação com a Praça e os saberes tecidos nesse lugar⁴⁶. Acreditava-se que uma imersão no cotidiano de um lugar, de uma paisagem ou mesmo de um objeto deslocavam a descobertas de possíveis espacialidades, e o que se desdobrava a partir desses deslocamentos era a intencionalidade particular de agenciar pensamento, escrita e lugar.

Ela estava olhando as coisas que não se podem dizer.

Certos arranjos de forma despertavam-lhe aquela atenção oca: os olhos sem piedade olhando, a coisa deixando-se olhar sem piedade (...).

Ver as coisas é que eram as coisas⁴⁷.

As provocações geradas no convívio com a Praça e na atenção aos seus elementos constituintes deram a perceber que outras afecções estavam sendo delineadas, postas em movimento, através dos encontros gerados nessa

⁴⁶ É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. Assim os componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente. Por isso mesmo, eles podem ser abandonados, modificados e reinventados em um movimento de misturas e conexões que não cessa. Pode-se dizer, então, que os múltiplos componentes de subjetividade difundem-se como fluxos que percorrem o meio social, dando-lhe movimento (MANSANO, 2009, p. 111).

⁴⁷ LISPECTOR, 1982.

experimentação. Um corpo de ideias geradas nessas experimentações atingia outro corpo de ideias em construção, em eminente mutação.

O procedimento de coleta dos materiais descartados na Praça traduzia-se como uma comunicação com a ambiência do lugar, pois se revelava a cada caminhar, a cada percepção da distinção entre cada papel. A própria seleção ampliava uma dimensão de sentidos no contato com essa ambiência. E esse proceder já se colocava como uma abertura ao imprevisto. Além de conter um componente sensível que poderia alterar a percepção que temos sobre a natureza das coisas.

Vento

Trazendo cores sujas

texturas impregnadas de poeira

Trazidas por contentamento de um dia, um prazer, um sabor

Tomavam o lugar

Talvez o dissabor

Cada forma dava um destino

Eu os via

Cada história dava um destino

Eu os lia

Uma história a cada material

Me davam culpa, repúdio, nojo

Descartado

Envolto a folhagens, preso em cada canto

Poças d'água ajudavam a manchar a sua cor

Marcas de um alimento

Descuido e perda

Desrespeito

In vento

Quero torná-lo vivo mais uma vez

Na mistura de tons⁴⁸

⁴⁸ Caderno de escutas e notas, 2014.

Tanto os modos de subjetivação quanto a cultura material que produzimos no cotidiano, servem de instrumentos de discussão sobre as maneiras de viver e de fazer. Do que temos produzido e descartado cotidianamente pelas exigências de consumo e pelo que aprendemos a desvalorizar. São aspectos que demonstram como podem funcionar algumas práticas singulares em um ponto de conexão com o conhecimento a relativizar nossos saberes e ideias pré-concebidas. Neste sentido, valores, ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para a expressão dos afetos vividos nesse encontro (MANSANO, 2009, p. 111). Talvez assim a experimentação com os papéis fizesse funcionar um movimento de pensamento ao favorecer o intercâmbio de ideias e permitir a aproximação de novos repertórios. A isso se agrega uma dimensão de aprendizagem, de criação e de abertura para as discussões que se pretendia buscar a partir dessa prática.

De certo que, foi a partir da produção dos dados da pesquisa que essas questões foram problematizadas. Entende-se que dessa análise foi possível trazer proposições relevantes como a ideia de que as afecções-signos produzidos durante a experimentação com a Praça introduziram outras percepções acerca da possibilidade de produção de uma nova subjetividade. Um dos aspectos que mais chamou atenção nas ressonâncias trazidas por essa análise foi a de que, naturalmente, se iam produzindo distintas correlações sobre a intervenção dos indivíduos neste lugar, antes verificada apenas como uma postura inadequada ao espaço público.

Espécie de grilo
Bicho do mato na cidade
Cantarolando outras vozes
Repetidamente
Figura colorida, cheia de armações
Amarrações, ligações
Cantava alto, no alto da esquina
Deixou-se ver naquela vez
Lugar de sempre, hora mesma

Criou seu próprio instrumento
Máquina dura, firme
Não tinha fim o seu despudor
Me deixou perceber
Que o tempo que tinha
Cantar com palavras duras
Soltas com indecência
Ele a mim parecia um estranho
Que eu já conhecia
Copa e sombra
O tapete era alameda e tijolo
E ele ali
Tensionando histórias e contos da vida
Deixava ser o que se quer
E a caixa se enchia de poucas moedas, poucas notas
*Como as notas cantaroladas sobre nós*⁴⁹

Contudo o que se pôde constatar dos papéis coletados na Praça e de sua posterior análise é que, baseados perspectiva de subjetivação vivida as impressões dadas na processualidade da experimentação, e nos registros no *caderno de escutas e notas*, já fornecia elementos de uma expressividade que não exigia concretude material como se entendeu num primeiro momento. De fato, a ideia de coleta de papéis foi trazida a pesquisa por acreditar que se fazia necessária uma concretude material ao trabalho, já que falávamos de uma produção de sentidos e que estaria apresentada na fabricação de papéis artesanais. Pois, quando ingressávamos no ambiente da Praça, marcado por tantas composições naturais e materiais como os próprios papéis descartados, tínhamos em mente que uma intervenção se seria necessária para dar uma expressividade plástica à pesquisa, já que estávamos tratando de uma formação

⁴⁹ Caderno de escutas e notas, 2014.

docente em Arte. Somente ao longo do processo de investigação com a aposta de criar um diário e, após serem refutadas algumas ideias de intervenção na Praça, é que percebemos onde se localizava a concretude material deste trabalho. Ela já estava em evidência quando uma existência se expressava na própria escrita, encarnada pela afinação com o lugar da Praça e pelas lembranças da formação familiar, com o desprezo pelas atitudes de degradação do espaço, enfim, tudo servia como suporte passível de ser traduzido de acordo com a forma utilizada para materializar o empírico.

*Quando caía carregada de nostalgia
Se ia moldando o tempo entre as sombras
Despedindo o pouco que ainda restava
Da luz que tinha pôr-do-sol
Quem não gastava o tempo
Deixando-se apertar o abraço
Se demorar pelo cansaço
Onde tivesse um pouco de paz
As coisas diminuídas, enfraquecidas
Era um tempo de reserva
Pausa no nascer, no florescer
Raízes sem flor
Era tarde demais
Frio demais
Quando escurecia se podia ver
Não havia mais tempo
Uma natureza se calava para outra
Enfim se mostrar⁵⁰*

⁵⁰ Caderno de escutas e notas, 2014.

Os atos de criação em processo se davam nas ações de ver e olhar, falar, escrever, interpretar, caminhar, todas estas eram formas que provocavam a transformação da experiência. É, a cada vez, inventar o outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis (DELEUZE, 2005, p. 124). A partir daí uma atualização de ideias e de devires ativos impulsionavam as afecções e os efeitos de estranhamento produzidos nos encontros gerados pela interação com o lugar da Praça.

3.2 De perto, de longe ao ver a Praça

As aproximações com o lugar da Praça, em muitos momentos modificava a ideia que temos de sua paisagem. Na medida em que se tornava palco de atividades ao ar livre, reiterava sua importância enquanto patrimônio cultural e público. Acompanháva-se diversas atividades culturais no uso de seu espaço e no seu entorno, como a Feira do Livro nas suas duas últimas edições, em 2013 e 2014, que ainda se estendia pelos prédios históricos com exposições de arte e palestras. Ao longo de mais de dois anos, vivenciou-se experiências com a música pelo Festival de Jazz de Pelotas e no Festival de Música do Sesc, além da literatura diversificada pela Feira, eventos distintos na locação do lugar da praça.

Falou-se das experimentações feitas enquanto era possível favorecer a interação com esse lugar, pois a ideia de um processo de subjetivação apresenta diante dessas experimentações quando modificavam o espaço da Praça. Em especial, a última edição da Feira do Livro realizada em 2014, mais do que outras trabalhadas neste lugar, trouxe aspectos importantes de serem analisados como proposta de discussão. Curiosamente, o tema desta edição tratou da cidade e de suas narrativas com palestras e discussões sobre o cotidiano. Mais do que a mudança na espacialidade do ambiente com a construção de estruturas metálicas e estandes, a intervenção em sua espacialidade modificava as impressões que tinha. Assim como o cotidiano de muitos passantes.

Dessa cor se diluindo ao sol, Ainda sem despedir-se, Tornava úmido o ar que se respira, Brisa gelada, Um novo dia, Pequenas porções de neblina, Molhavam folhagens e ruas vazias, A brilhar, a brilhar

Um novo dia

Despertavam-se sons de todo lugar, Misturando cheiros de agosto, Exalava umidade, sereno e dureza, No chão, em mim, As últimas sombras recolhidas

Um novo dia

*Na paisagem que acordava em tons gris*⁵¹

Em torno dessas modificações, dessa reorganização do espaço reverberavam outras impressões buscando atenção a outras percepções. Em especial, a forma como os próprios passantes lidavam com essas alterações e como, a partir delas, se comportavam. O que estava em questão era mais uma vez a reinvenção dos espaços, agora produzidos sob novos aspectos, mais coletivos e mais subjetivados pelo trabalho de organização cultural da Feira. Seria preciso, inclusive, perceber que a interação com o lugar seria modificada e a atuação dentro do processo investigativo seria de alguma forma alterada no convívio com os passantes.

Interessante ver que alguns dos aspectos discutidos no evento, e sob a forma de oficinas, estavam em relação às ideias que temos ao *ver* e *narrar* a cidade, atualizados em novas práticas e novas relações com os espaços percebidos. Abria-se espaço para aqueles não percebidos, seja pela aceleração da rotina de trabalho, ou pela cultura de um olhar que não percebe as coisas mais simples. Onde ecoam lembranças e sentidos diversos. Estes aspectos aproximaram-se a algumas questões problematizadas nesta dissertação como a ideia do espontâneo, das afecções e da imprevisibilidade dos encontros quando é proposta uma leitura atenta às narrativas urbanas em que ecoam esses atravessamentos. A literatura e outras artes como a música deram sonoridades diversas ao lugar da Praça, ao mesmo tempo, o trabalho investigativo foi sendo tomado por outras espacialidades. Texturas diferentes de uma mesma superfície. O *ver* e o *narrar* a cidade estavam em consonância com a ideia de desvios do olhar, agora potencializados por outras narrativas.

*Sentia o quanto
Em breves instantes
Poderia o sentir*

⁵¹ Caderno de escutas e notas, 2014.

*Sentar ao chão
 contato com os espinhos
 pedras e galhos, bichos
 Desviou das pequenas coisas sujas
 Deitada sentía o calor sobre o rosto
 Descalços os pés se davam outro sentido
 a superfície vista do alto
 de tua pequena porção de vida
 ideias dispersando-se
 em direções opostas cruzavam vozes, risos
 sons da cidade em movimento
 o tangível que ora escapa na mata, na terra
 não era só
 acompanhava a presença de um amor
 em certa medida via
 o que lá estava
 o momento de se dar
 ao sabor, ao olhar
 sensação queima o ar
 ofegante, pesa
 o suor preso ao tecido
 sobre mim
 a estação o lugar
 e tudo mais⁵²*

O que o acaso fez singularizar diante da aproximação com a Praça, fez reverberar outras relações porque o lugar continua a se modificar pelo próprio processo de subjetivação. Reencadeando as “maneiras de ver e fazer” que não acontecem ao acaso, mas que são produzidas nessa relação.

É que o acaso se entende como arrebatamento, algo que acontece num descuido ou abruptamento. Para tanto, encontro e pensamento assumem

⁵² Caderno de escutas e notas, 2013.

singularidades obtidas ao acaso, mas continuam a ser potencializadas pelos processos subjetivados, pelos devires e pelas ideias que nos atravessam. Num segundo momento, o acaso obtém novas singularidades continuando o processo de encadeamento e reencadeamento das afecções-signos que foram lançados ao pensamento.

É o que nos diz Deleuze:

“O acaso só vale para o primeiro lance; talvez o segundo lance se dê em condições parcialmente determinadas pelo primeiro, como uma cadeia de Markov, uma sucessão de reencadeamentos parciais. E é isto o lado de fora: a linha que não para de reencadear as extrações, feitas ao acaso, em mistos de aleatório e de dependência (2005, p. 125)”.

Com as capturas e reverberações descritas até aqui, a partir das experimentações com os papéis coletados e com a participação nas atividades promovidas pela Feira do Livro, palestras, amostras, oficinas e shows musicais foi possível dinamizar o quão potente se tornou a interação com este lugar quando se refere ao trabalho de um pensamento. Essas experimentações se articulam aos referenciais trazidos provocando desvios, rupturas mais ou menos visíveis que estimulam um pensar diferente. Um ato de pensamento que se dá a partir do confronto com as marcas deixadas nesse processo. De novo, as concepções de Deleuze e Foucault se imbricam as questões levantadas na reafirmação de um pensar que desmonta fixações prontas e se apresenta como exercício de diferença, de criação. Pensar assume aqui, então, novas figuras: “obter singularidades; reencadear as extrações, os sorteios; e inventar, a cada vez, as séries que vão da vizinhança de uma singularidade à vizinhança de outra” (idem, p. 125, 2005).

A cada uma das experimentações propostas com a Praça eram dados deslocamentos na maneira de ver as coisas que reverberavam nos caminhos da própria investigação. As tentativas de aproximação e intervenção com este lugar capturavam sentidos, novas sensações tomadas num plano de composições em que o pensamento operou. Enquanto eram cartografadas as experiências com o lugar, uma singularidade resistia a uma formação estanque que não se articula com novos saberes e novas formas de perceber as tonalidades diversas do mundo.

Por uma produção de conhecimento é que examinamos as questões trazidas, para que além do estritamente pedagógico fossem possibilitadas formas de aprender com a problematização de uma formação de si mesmo. E no âmbito de uma formação docente que compreende a importância de uma atualização, de uma formação continuada na vida e não somente na escola.

Considerações finais

*Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades,
não é um criador.
Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades,
e ao mesmo tempo cria um possível.*

G. Deleuze

Chegamos ao momento de verificar em que condições os caminhos trilhados nesta pesquisa foram capazes de fazer funcionar os verbos que escolhi para desenvolvê-la: *criar, insistir, apropriar, inventar...* Rastreado esses caminhos é possível dizer que, embora tivesse o apoio das literaturas e concepções teóricas, foi preciso transformar-se enquanto pesquisadora no próprio campo de atuação. Pois falar de uma condição particular, pessoal, em que a própria experiência era problematizada exigia uma abertura ao sensível. Tratar de uma experiência de si pareceu a princípio um cuidado demasiado com apreensões que se deram desde o encontro com essas teorias. De certa maneira, o próprio encontro com estes pensadores confeccionou uma série de afecções favorecidas no acaso de bons encontros. A ideia de um “acaso” gradualmente deixava de ser uma determinação casual para se tornar uma interlocução indagadora que tinha como base a própria maneira de viver, de agir, enfim, o que antes se deu a partir do acaso agora tomava contornos reapropriados, segundo os saberes já concebidos.

Além das implicações epistemológicas contidas neste processo havia uma sensibilidade que se colocava disponível para o imprevisto, para o impensado quando propunha desnaturalizar o visível. Inicialmente, uma das problemáticas mais latentes era o tensionamento entre o pensamento e a Praça. Perguntava-se como fazer funcionar um pensamento que se articula com a Praça nos encontros que ela reserva? Retomo essa questão para, então, afirmar que os embates surgidos nesta proposta foram catalizadores de algumas mudanças. Mudavam-se as percepções, as ideias, os sentidos, sendo então minimizados a medida que esses encontros revelavam sua força.

Fazer funcionar um pensamento pressupõe que saibamos que engrenagens ele tem, que pontos de conexão podem ser dados, como ele está constituído, etc. Era preciso enxergar o próprio pensamento para então fazê-lo funcionar de outra forma.

A Praça se colocava nessa perspectiva num plano de composição para que esse pensamento pudesse funcionar. Mais do que o acaso de um encontro, ela tornava possível certos deslocamentos, estranhamentos que remetiam a uma existência formadora de vida. E a pesquisa se colocava nessa existência a partir da intenção em problematizar uma formação de si mesmo, que acontece em tantos lugares, espaços onde a vida permanece em funcionamento. Através dos desvios de um *olhar* essa articulação tomava corpo, atualizava o pensamento e, certamente, continuará a produzir efeitos. Sendo assim, na condição indivíduo, pesquisadora, docente, aluna, filha, e tantas outras que me fazem existir, afirmo a problemática em questão fora atendida no momento em que tornou possível funcionar os verbos que escolhi para desenvolvê-la: *criar, insistir, apropriar, inventar* uma escrita... uma Praça.

Captar destes encontros as singularidades passíveis de compartilhamento numa dissertação de mestrado é uma problemática que reverberava de outro modo, com outras nuances em que o embasamento teórico exige atenção. Ao tomar como análise as fundamentações teóricas junto as interrogações trazidas pelas Filosofias da Diferença, em especial, com Deleuze e Foucault, percebeu-se que diversas inquietações foram suscitadas ao encontrar passantes dedicados a uma rotina de trabalho e de lazer porquanto utilizavam a Praça como passagem de uma rua a outra. De outro, personagens ensaiando práticas notadamente particulares de lazer, diversão e afetividades. Contudo, essas são questões que problematizavam uma produção de sensações quando se experimentou espaços, reinventando-os ao sabor de uma sensibilidade e das ressonâncias com sentidos diversos. As singularidades apanhavam forças de resistência aos padrões estabelecidos, as normalidades, e preparavam a condição de criar, inventar, ou seja, tornar-se diferente em si mesmo. A isso credita-se a aposta na escrita de um trabalho que se desenvolvia na correlação com os conceitos apreendidos e na disponibilidade de uma formação docente que atenta para uma formação na vida, e no próprio indivíduo.

Objetivou-se relacionar o *formar a si* a uma ideia de *formação docente* decorrente dos atravessamentos sensíveis estimulados pela aproximação com o campo da arte. Nesse sentido, uma *formação de si* apontou para outra formação onde não há cadernos de chamadas, uma sala ou quadro negro, e que não está submetida a uma formação continuada apenas, ou uma reciclagem. Mas sim, uma formação que é produção de conhecimento, comprometida com produção de diferença que interroga os padrões de um processo de subjetivação e que se apresenta como possibilidade de uma transformação de si. Fala-se em transformação quando pressupõe uma desacomodação incessante, onde sejam articuladas novas maneiras de viver e de se localizar dentro de um sistema de práticas reguladoras. Trajando novas roupagens foi possível conversar com os autores e interlocutores trazidos, de modo que eles tornavam razoável que novas impressões fossem dadas diante de uma problematização do próprio ato de pensamento interpondo-se a uma formação docente que interroga a si mesma dentro deste processo.

Arrisco-me a dizer que boa parte das discussões trazidas nesta dissertação foram acentuadas justamente porque a formação docente, que está contida nessas linhas, continua a se desenvolver mesmo estando fora dos espaços institucionais, passando a imbricar-se com a formação de vida. Com os recortes de vida que fazemos quando chamados a lidar com os estranhamentos causados nas relações vividas em outros tantos lugares.

Conectar-se com um lugar através da escrita configurava-se como outro objetivo a ser trabalhado. Neste aspecto, acredito que a busca por uma formação/transformação de si foi balizada pelo intuito em fazer funcionar os verbos escolhidos mediante uma atenção as impressões dadas na Praça e na criação de uma escrita poética. E com a criação de um caderno de escutas e notas naturalmente se compôs uma experimentação onde esses verbos se faziam conectar ao ato de pensar, através dos signos estabelecidos em cada encontro. *Criar* foi sempre o objetivo mais presente nesta investigação.

Finalmente, acredito que nesta dissertação há possibilidades e não verdades. Há sim, um conjunto de percepções estabelecidas a partir de interrogações e de uma problematização particular, o que nada impede de impulsionar outras ressonâncias. E

assim, os sentidos trazidos para quem o lê não sejam os mesmos de quem o fez, mas certamente fará ressoar alguma turbulência. Sinto-me satisfeita com os resultados que, para mim, estão na ordem de um mudança de postura, de entendimento e de percepção, de diferentes valores agora dados na atenção as coisas apequenadas da vida. Hoje, sou capaz de reconhecer quando sou afetada pelos encontros, quando sou atravessada pelas sensações ou quando tenho dificuldades de colocar em jogo o que aprendi com as concepções, tão múltiplas, de uma Filosofia de Diferença. Pois tenho a certeza que continuo a me constituir e a ser arrebatada pelos processos de subjetivação mais ou menos visíveis.

As linhas traçadas neste quadro continuam a ser pintadas, já que a ideia de uma *formação de si* não pretendia uma forma, mas sim, constituir-se em estratégias pela diferença e pela criação. O que importa é reconhecer como chegamos até aqui, ao longo de um trabalho de mais de dois anos, e como, poderemos nos tornar diferente daquilo que éramos naquele início.

Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que era no início. Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que iria dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará.

Michel Foucault

BIBLIOGRAFIA

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: Gênese e desenvolvimento urbano**. Pelotas: Armazém literário, 1994.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4 Reimp. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1993) **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro, Ed. 3.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Ed 34 Ltda., 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª. Ed. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____, Gilles **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____, Gilles. *A imagem do pensamento*. In: **Proust e os signos**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____, Gilles. **O Abecedário**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2012.

DUDEQUE, Irã. **Cidades sem véus: doenças, poder e desenhos urbanos**. Curitiba: Champagnat, 1995. 188p.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a História da sexualidade.** In: _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

_____, Michel. **A ordem do discurso.** 10ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

_____, Michel. **História da sexualidade: uso do prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

_____, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 2009b.

_____, Michel. **Ditos e Escritos volume 5: ética, sexualidade, política.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose – um novo paradigma estético.** São Paulo: Ed.34, 1992.

_____, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

KASTRUP, Virgínia (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação.** IN: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes. 1994, p. 35-86.

_____, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, edição jan-abr., p. 20-28, 2002.

_____, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida.** In: Educação & Realidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. V. 29, n.1, pp. 27-44.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada.** 6a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MAGALHÃES, Mário. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).** 2 ed. Pelotas: Ed. UFPel, Coedição: Livraria Mundial, 1993.

_____, Mário. **Os passeios da cidade antiga (guia histórico das ruas de Pelotas).** Pelotas: Armazén Literário, 1994.

MANSANO, Sônia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** Revista de Psicologia da UNESP, 8(2), 110-117. 2009.

MARTINS, André. **Nietzsche, Espinosa, o Acaso e os Afetos: Encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo**. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/nietzsche,_espinosa_o_acaso_e_os_afetos;_encontros_entre_os_tragico_e_o_conhecimento_intuitivo/n14andre.pdf>. Acesso em 09 nov. 2014.

RAMOS, Cesar A. **Ética e Política em Aristóteles**. In: *Ética: abordagens e perspectivas*/Organizado por César Candiotto. Curitiba: Champagnat, 2010.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação**. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel; PINHEIRO, Paulo. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação. Assim falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: SP&A, FAPERJ, UNI-RIO; Brasília: CAPES, 2006, p. 267-278.

RODRIGUES, Viviane Costa. **COMPOSIÇÕES DE UM SILÊNCIO: Sensibilidades possíveis no espaço das palavras**. 2013. 21 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos**. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em : <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wo-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf> Acesso em 23 jul. 2014.

Praça Coronel Pedro Osório, Um pouco da história. PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br/pelotasturismo/atracoes-turisticas/pelotas-cultural/patrimonios/index.php?patrimonio=praca-coronel-pedro-osorio&iframe=true&width=720&height=720>>. Acesso em 02 jul. 2013.

O conhecimento como o maior dos afetos. Palestra com André Martins; Instituto CPFL / Canal Cultura. Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/wp/2011/07/01/um-mundo-onde-conhecer-e-criar-e-afetar-se-melhor-%E2%80%93-andre-martins-2/>> Acesso em 08 nov. 2014.

NOTAS DE FIM

ⁱ Uma das primeiras escritas no ano de 2012 iniciava como um ensaio pela forma literária do conto onde as impressões observadas eram tratadas como narrativas reais de personagens reais, mas com a invenção de alguns detalhes como os nomes. As demais escritas, ao longo de 2013 e 2014, já revelavam tons mais poéticos.

ⁱⁱ Na perspectiva analisada por Foucault em que a ética do pensamento grego é problematizada, *ethos* e *logos* inscrevem-se como atitude e razão respectivamente. Enquanto o *ethos* entende-se pela maneira de relacionar-se com a realidade atual, e uma maneira de pensar e de sentir. O *logos*, ou razão, “pela relação com o verdadeiro que a governa, uma tal vida inscreve-se na manutenção ou reprodução de uma ordem ontológica” (Cf. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: uso do prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2009).